



**O papel da(s) voz(es) das crianças nos processos
de aprendizagem e desenvolvimento em contexto
de educação de infância**

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de
Mestre em Educação Pré-escolar

Renata Sofia Nunes Pena

Orientadora: Professora Marta Andreia Sousa Jacinto Uva

2021, setembro

“A verdadeira educação é aquela que vai ao encontro da criança para a realização da sua libertação.”

Maria Montessori

Agradecimentos

A conclusão do presente relatório não era possível sem a força e o apoio de todos aqueles que me acompanharam ao longo destes anos, querendo assim agradecer a todos os que contribuíram para realizar este que sempre foi o meu grande sonho desde criança:

Aos meus pais agradeço toda a educação, ajuda e força que me deram para nunca desistir dos meus sonhos e todo o esforço que fizeram e continuam a fazer ao longo de toda a minha vida para me darem o melhor futuro possível.

Às minhas amigas agradeço a paciência que tiveram comigo e toda a motivação que me deram durante estes anos.

À minha colega de estágio por todas as partilhas, confiança e companheirismo.

À professora Marta Uva, agradeço a orientação, a disponibilidade, a ajuda e acima de tudo, todo o conhecimento que me transmitiu desde o primeiro dia que entrei para esta instituição, foi sempre um prazer ouvi-la.

Agradeço, igualmente, à Professora e Coordenadora do Curso, Helena Luís que também me acompanha nesta jornada desde o primeiro dia e a todo o conhecimento que sempre me transmitiu de uma forma tão simples e bonita.

A todos, um especial Obrigado!

Resumo

O presente relatório surge com a intenção de apresentar e refletir sobre a minha Prática Supervisionada ao longo dos vários contextos realizados em Creche e Jardim de Infância, no âmbito do mestrado em Pré-Escolar, as aprendizagens adquiridas no decorrer da prática profissional e, por último, o estudo alusivo ao tema “O papel da(s) voz(es) das crianças nos processos de aprendizagem e desenvolvimento em contexto de educação de infância”. No primeiro capítulo deste relatório é feita uma descrição dos estágios realizados, bem como das atividades implementadas. O segundo momento remete para a investigação sobre o tema referido anteriormente, tendo em conta os dados recolhidos através de entrevistas semiestruturadas, a quatro educadoras de infância e posteriormente analisadas e confrontadas com a análise documental, que me possibilitou comparar o discurso das entrevistadas com as opiniões dos autores estudados. A metodologia utilizada tem uma abordagem de pesquisa do tipo qualitativo, onde pretendo conhecer a conceção dos Educadores sobre processos de escuta e de diálogo, no desenvolvimento da prática pedagógica/educativa, saber qual a opinião dos educadores sobre a importância de dar voz às crianças para o seu sucesso educativo e ainda identificar exemplos de práticas que promovam a escuta e o diálogo. Os principais resultados mostram que todos os participantes valorizam a escuta e o diálogo enquanto processos facilitadores que permitem promover e avaliar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, beneficiando o planeamento e a (inter)ação educativa em que as leituras de histórias, canções, lengalengas, são processos incentivadores para o diálogo e desenvolvimento da linguagem.

Palavras-chave: Escuta e Diálogo; Aprendizagem; Valorização; Participação; Educação de Infância

Abstract

The present report appears as a reflection of my Supervised Practice throughout the various contexts in kindergarten and nursery school, as part of the master's degree in Pre-School, the learning acquired during the professional practice and, finally, the study on the theme "The role of children's voice(s) in the processes of learning and development in the context of early childhood education". In the first chapter of this report, a description is made of the internships carried out, as well as the activities implemented. The second part refers to the research on the theme mentioned above, taking into account the data collected through semi-structured interviews with four kindergarten teachers and subsequently analyzed and compared with the documentary analysis, which allowed me to compare the speech of the interviewees with the opinions of the authors studied. The methodology used has a qualitative research approach, where I intend to know the educators' conceptions of listening and dialogue processes in the development of pedagogical/educational practice, find out what the educators' opinion is on the importance of giving voice to children for their educational success and also identify examples of practices that promote listening and dialogue. The main results show that all participants value listening and dialogue as facilitating processes that allow promoting and evaluating the development and learning of children, benefiting the planning and educational (inter)action in which readings of stories, songs, rhymes, are encouraging processes for dialogue and language development.

Keywords: Listening and Dialogue; Learning; Appreciation; Participation; Early Childhood Education.

Índice

Índice

| | |
|--|-----|
| Agradecimentos | iii |
| Resumo..... | iv |
| Abstract | v |
| Índice..... | vi |
| Índice de figuras..... | vii |
| Introdução | 1 |
| Parte I - Contexto de Estágio | 2 |
| Estágio em Creche | 2 |
| Caracterização da Instituição | 2 |
| Caracterização da Sala | 3 |
| Caracterização do Grupo | 3 |
| Projeto de Intervenção | 4 |
| Principais atividades desenvolvidas | 6 |
| Avaliação do Projeto..... | 8 |
| Estágio em Jardim de Infância | 10 |
| Caracterização da Instituição | 10 |
| Caracterização da Sala | 10 |
| Caracterização do Grupo | 11 |
| Projeto de Intervenção | 13 |
| Principais atividades desenvolvidas | 14 |
| Avaliação do Projeto..... | 18 |
| Parte II – Exercício Investigativo..... | 20 |
| 2.1 Percurso Investigativo..... | 20 |
| 2.2 Revisão da Literatura | 22 |
| Pedagogia-em-Participação..... | 22 |
| Organização do Espaço e Materiais..... | 23 |
| Organização do tempo e dos grupos de aprendizagem..... | 24 |
| Documentação Pedagógica..... | 25 |
| Escutar as vozes das crianças | 25 |
| 3. Procedimentos Metodológicos..... | 27 |
| Questão e objetivos do estudo | 27 |

| | |
|---|----|
| Tipo de estudo..... | 27 |
| Participantes do Estudo..... | 28 |
| Instrumentos de Recolha de Dados..... | 28 |
| Procedimentos de análise dos dados..... | 30 |
| Apresentação e Análise dos Resultados..... | 32 |
| Resultados das entrevistas às educadoras..... | 32 |
| Reflexão Final..... | 37 |
| Referências..... | 47 |
| Anexos..... | 49 |

Índice de figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1. Exploração dos saquinhos sensoriais..... | 7 |
| Figura 2. Exploração do elemento da história..... | 8 |
| Figura 3. Degustação da pera..... | 8 |
| Figura 4. Sentir o cheiro do limão..... | 8 |
| Figura 5. Descobrir sombras..... | 14 |
| Figura 6. Descobrir sombras dos elementos da natureza..... | 14 |
| Figura 7. Pintar as sombras..... | 14 |
| Figura 8. Dança com sombras..... | 15 |
| Figura 9. Exploração livre..... | 15 |
| Figura 10. teatro de sombras..... | 15 |
| Figura 11. teatro de sombras 2..... | 15 |
| Figura 12. jogo dos pares..... | 15 |
| Figura 13. exploração dos peixes..... | 16 |
| Figura 14. escolha dos nomes dos peixes..... | 16 |
| Figura 15. exploração dos peixes 2..... | 16 |
| Figura 16. desenho dos direitos dos animais..... | 16 |
| Figura 17. construção do puzzle..... | 16 |
| Figura 18. finalização da construção do puzzle..... | 17 |
| Figura 19. exploração do DOC..... | 17 |
| Figura 20. exploração do DOC 2..... | 17 |
| Figura 21. visualização do vídeo "os direitos das crianças"..... | 18 |
| Figura 22. construção do cartaz..... | 18 |
| Figura 23. apresentação do cartaz sobre os direitos das crianças..... | 18 |

Introdução

O presente relatório final de estágio foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada que tem, como objetivo a obtenção de grau de mestre em educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação de Santarém, coordenado pela Professora Doutora Helena Luís e com a orientação da Professora Especialista Marta Uva,

O mesmo descreve todo o meu percurso ao longo dos três semestres, reflete a minha trajetória de desenvolvimento profissional, bem como as aprendizagens, as eventuais dúvidas e questões que foram surgindo durante o processo.

O tema da investigação surgiu durante a realização dos vários momentos de prática de ensino supervisionada em contexto de creche e jardim de infância, uma vez que tive o privilégio de estagiar em contextos, onde as profissionais valorizavam a voz das crianças no desenvolvimento da prática educativa.

Ao ter presenciado a importância desta prática educativa no desenvolvimento global da criança, despertou-me interesse em estudar mais sobre a temática de modo a enriquecer, também, a minha prática e o meu processo de aprendizagem profissional, tornar a minha teoria mais consciente relativamente aos cuidados que devem ser adotados com as crianças, face ao benefício de dar voz às mesmas, como é referido pelo autor (Oliveira-Formosinho, 2007).

No que respeita à organização do relatório, este encontra-se dividido em duas partes centrais: a primeira parte inclui uma visão geral de todo o meu percurso de estágio, assim como as principais aprendizagens adquiridas no decorrer das diferentes práticas, caracterização das instituições, das salas e dos grupos, os projetos de intervenção implementados, as atividades destacadas e a avaliação dos projetos elaborados nos vários contextos, sendo eles, Creche e Jardim de Infância.

A segunda parte está relacionada com a investigação, onde começo por explicitar a pertinência do estudo que consiste em saber qual a opinião dos educadores sobre a importância de dar voz às crianças para o seu sucesso educativo e ainda identificar exemplos de práticas que promovam a escuta e o diálogo, as questões orientadoras, e os seus objetivos. De seguida, encontra-se o enquadramento teórico e as opções metodológicas para a recolha e análise dos dados, nas quais se refere o tipo de estudo, os constituintes da amostra, os instrumentos utilizados para a recolha de dados e a análise e fundamentação dos resultados obtidos.

Por fim, é tecida a reflexão final que contempla todo o meu percurso académico, incorporando as considerações finais do exercício investigativo.

Parte I - Contexto de Estágio

Estágio em Creche

Caracterização da Instituição

O meu primeiro estágio, decorreu no contexto de creche, numa Instituição Particular de Solidariedade e situava-se em diversas freguesias do distrito de Santarém. Esta instituição tinha a missão de desenvolver uma intervenção social direcionada a apoiar idosos e crianças, correspondendo às necessidades da comunidade, prestando serviços que fomentem o bem-estar e a qualidade de vida.

Uma vez que a instituição era católica, guia-se por cinco valores cristãos, que eram: a solidariedade, acolhendo todos os utentes que pretendiam os serviços da instituição; a corresponsabilidade que assentava num esforço por parte de todos em atingir a excelência e a satisfação por parte dos utentes e dos trabalhadores; a Igualdade/Justiça e respeito pela diversidade que poderia existir, assim como ter sempre em conta os direitos e deveres de uma criança, cidadão e profissional; a responsabilidade na escolha de comportamentos e ações que promovessem o bem-estar de toda a comunidade e a espiritualidade que se pede que haja uma capacidade inerente de ser, de criar e celebrar o dom da vida.

A mesma encontrava-se organizada em dois pisos, funcionando a creche dois (onde realizei o estágio) no primeiro andar.

A creche dois era composta por receção; berçário com dormitório; sala de um ano com fraldário interior; sala de dois anos com fraldário interior; sala heterogénea com fraldário interior; copa; refeitório; despensa; sala de arrumos; instalações sanitárias para trabalhadores; gabinete de recursos humanos; cozinha; lavandaria; espaços exteriores privados e cobertos e gabinete da Coordenadora pedagógica.

O principal objetivo e missão desta instituição era desenvolver uma intervenção social direcionada a apoiar as crianças, indo ao encontro das necessidades dos mesmos, prestando serviços que se baseiam no bem-estar e qualidade de vida de todos.

Ao longo dos corredores da creche era possível observar a exposição de vários trabalhos realizados pelas crianças, educadoras e auxiliares, o era bastante importante por parte da instituição, pois demonstrava que, a mesma, valorizava o trabalho da criança bem como permitia aos pais que vissem os trabalhos realizados pelos seus filhos.

Caracterização da Sala

A sala onde realizei o estágio designava-se por sala multietária uma vez abrangia crianças de várias faixas etárias, neste caso, com idades compreendidas entre um, dois e três anos de idade.

Segundo o documento, “Finalidades e Práticas Educativas em Creche” de Gabriela Portugal (2011) o espaço educativo deve facilitar as aprendizagens bem como: criar desafios; proporcionar momentos de curiosidade; potencializar a autonomia das crianças; promover as relações interpessoais e criar um ambiente familiar.

Relativamente aos materiais pedagógicos existentes na sala, esses eram apropriados à faixa etária das crianças e estavam colocados em locais de fácil acesso, para que as crianças os pudessem utilizar e arrumar de forma autónoma.

Na sala havia ainda um fraldário. Uma divisão anexa para serem prestados os cuidados de higiene às crianças, que, por sua vez, se encontrava limpo, seguro e organizado, criando oportunidades únicas para interações didáticas, desenvolvendo-se aprendizagens sensoriais e aprendizagens comunicacionais entre a criança e os cuidadores.

As paredes da sala estavam preenchidas com três placards, sendo que dois deles serviam para a educadora afixar os trabalhos realizados pelas crianças ou as decorações alusivas às épocas e festividades do ano. Perto da porta da sala, encontrava-se o outro painel, cuja função era facilitar a comunicação entre a educadora e as famílias, estando nele colocado os recados para os encarregados de educação. Com a partilha dessa informação que, por norma, incidia na comunicação dos recursos em falta na sala, era possível assegurar o bem-estar físico e emocional da criança, garantindo que a mesma reunia todos os bens necessários no seu contexto educativo.

Caracterização do Grupo

O grupo a que se destina o projeto é composto por 15 crianças, sendo que 7 são do género feminino e 8 do género masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses, estando-se a falar assim numa sala multietária como foi referido anteriormente.

Ao longo de todo o período de estágio, desde as semanas de observação, às semanas de intervenção, consegui constatar que o grupo, de uma forma geral era cooperativo,

Esta característica era visível muitas vezes nos momentos da rotina, quando existia uma interajuda das crianças mais velhas relativamente às mais novas; por exemplo, na hora da higiene, no ato de lavar as mãos, os mais pequenos não chegavam à torneira, e os mais velhos abriam a torneira e colocavam a água nas mãos dos mesmos. Na maioria das vezes, as crianças mais pequenas tinham

tendência para tirar os sapatos, ao observarem isto, as crianças mais velhas demonstravam querer ajudar, colocando os respectivos sapatos junto aos pés dos mesmos e por vezes tentavam calçá-los. Quando os mais velhos iam dar um beijinho de bom dia, ou um abraço aos mais pequenos, demonstravam ter aquele cuidado e atenção especial para não magoarem.

A maioria das crianças tinha uma participação ativa nas atividades, não necessitando de uma ajuda constante por parte do adulto, no entanto foi ainda possível observar uma característica do grupo em partilhar objetos da sala. Isto ocorria entre as crianças mais velhas pois tinham uma maior noção do “tirar o brinquedo” do que propriamente as crianças mais novas. Observei no grupo a evolução ao nível da deslocação, principalmente em uma das crianças que não andava, nem se colocava de pé, e de uma semana para a outra, começou a andar de forma autónoma, necessitando apenas de alguma ajuda de vez em quando.

Na área do desenvolvimento cognitivo, visto ser uma sala multietária destaco uma diferença existente ao nível da linguagem, uma vez que as crianças com 12 meses, apenas são capazes de dizer as suas primeiras palavras, compreender as funções simbólicas da nomeação e utilizar alguns gestos tal como refere Piaget (1977). Em contraste com as mesmas, as crianças de dois anos de idade demonstram ter grande interesse em adquirir e alargar o vocabulário, compreendendo algumas, o que lhes é dito. Algumas das crianças mais velhas, têm tendência a imitar o que é dito pelo adulto, desde o vocabulário até ao gesto ou expressão que utilizam.

Observando o grupo de uma forma mais individual, destacamos a existência de duas crianças, uma de um ano e meio e outro de dois anos e meio, com uma postura mais reservada, sendo que o mais velho demonstra ter um pouco mais de interesse nos momentos de brincadeira e convívio e a mais pequena demonstra querer receber permanentemente afeto e nas atividades em grande grupo demonstra ter uma enorme incapacidade em socializar.

É um grupo muito ativo, curioso, desperto e apto para novas aquisições e conhecimentos a nível da aprendizagem da linguagem, da brincadeira, demonstrando uma enorme vontade de explorar constantemente tudo o que as rodeia naquela sala.

Projeto de Intervenção

Para a elaboração inicial do projeto tive como base um período de observação participativa/adaptação que ocorreu entre o dia 26 de novembro e o dia 6 de dezembro de 2019. O objetivo desta observação era conhecer o grupo, e cada criança individualmente, para assim conseguir definir um projeto cujo as atividades fossem de encontro às capacidades, necessidades e interesses do grupo.

Depois de algumas conversas com a educadora e através das minhas próprias observações, pude verificar que existem algumas diferenças ao nível do desenvolvimento motor e cognitivo visto que a sala é multietária e abrange mais que uma faixa etária, como foi referido em exemplos acima na caracterização do grupo.

A partir destes dados tentei criar um projeto que fosse ao encontro e tendo em conta as características das crianças, planeando uma intervenção que respeite o ritmo de cada criança e a própria rotina da sala.

Sendo o projeto educativo de sala “Passo a passo descobrimos o caminho”, o projeto enquadrou-se nos mesmos propósitos e objetivos intitulando-se assim de “Aprender Descobrimos”.

É através dos sentidos que as crianças adquirem novos conhecimentos para a construção de aprendizagens e evolução enquanto seres humanos.

Segundo Piaget (1977), os cinco sentidos: audição, visão, tato, olfato e paladar exercem um papel importante no desenvolvimento global da criança.

Foi por este motivo que me propus em realizar atividades que estimulem os sentidos das crianças. Ao longo dos anos têm sido realizadas várias pesquisas e estudos ligados a esta temática, dentro dos estudiosos destaca-se Jean Piaget, que defende que na sua teoria existem quatro níveis de desenvolvimento, entre eles o sensório-motor.

O período sensório-motor (zero a dois anos), abrange a fase em que a criança descobre o mundo através do movimento, explorando tudo o que existe ao seu redor.

Neste sentido comprometi-me na construção de atividades e situações que estimulem as crianças a trabalharem com os sentidos, visto que estas crianças se encontram numa idade onde são maioritariamente curiosas e necessitam de explorar novos objetos e materiais, neste ponto, procuro desenvolver novos desafios para este grupo de crianças.

O objetivo geral do projeto é desenvolver os cinco sentidos através das expressões e o objetivo específicos do projeto é contactar com algumas técnicas de expressão plástica explorando diversos materiais, desenvolver a motricidade fina; despertar o interesse pela música envolvendo o corpo na exploração do espaço e materiais; estimular e desenvolver a coordenação motora e óculo-manual; desenvolver a autonomia e trabalhar o autoconhecimento.

O projeto destinando-se a uma idade que necessita maioritariamente de estímulos enquadrados nos cinco sentidos (audição, visão, olfato, tato e paladar), permite que cada criança possa interagir com o mundo que a rodeia, realizando assim atividades orientadas com o intuito de articular numa só atividade diferentes domínios, nomeadamente a Expressão e Comunicação, que inclui a Expressão Musical, Expressão Plástica, Expressão Dramática e Expressão Físico-Motora; Conhecimento do Mundo e a Formação Pessoal e Social.

O corpo da criança é o seu veículo de aprendizagem, é desde cedo que mesmo sem se aperceber disso, a mesma começa a interagir e a comunicar através de gestos e pequenas falas.

Através dos cinco sentidos percebemos o nosso corpo e todo o ambiente à nossa volta. Aprendemos a usar a visão, a audição, o paladar, o tato e o olfato e são as sensações propriocetivas que nos dão as informações sobre o que os músculos estão a fazer e como eles devem se movimentar. “Quando as crianças têm espaço e liberdade para se movimentarem, aprendem a medir a sua força e os seus limites. Elas exploram até que o domínio da ação as faça avançar para o próximo desafio” (<https://www.sitiodaeducacao.pt/2014/02/vamos-estimular-os-cinco-sentidos-na.html>).

Toda a criança cresce a tentar descobrir, pela descoberta do meio que a rodeia e fá-lo a brincar, muitas vezes sem se aperceber disso. Ao fazê-lo ela utiliza os seus sentidos para observar as pessoas à sua volta ou os objetos em movimento, sente a temperatura das coisas, ficam atentos à voz ou música que por exemplo, é colocada na sala e põem na boca tudo o que conseguem agarrar. Tudo isto por meio da exploração e curiosidade a criança procura sempre entender o como e o porquê das coisas que os rodeiam.

Neste sentido, decidi escolher o tema em questão, dos cinco sentidos principalmente por ser algo que deva ser desenvolvido diariamente com as crianças. Caso os sentidos não sejam desenvolvidos e não forem dadas oportunidades às crianças para os usarem nos vários momentos do dia, coloca-se em causa o desenvolvimento e a aprendizagem das mesmas.

Principais atividades desenvolvidas

As atividades implementadas em torno do projeto de intervenção decorreram como esperado, uma vez que as crianças participaram nas várias atividades e atingiram a maioria dos objetivos, tais como desenvolver os sentidos através das expressões. Porém, destaco duas atividades devido ao facto de considerar que foram aquelas que melhor se enquadraram com a finalidade do projeto de intervenção, e por terem sido aquelas em que as crianças revelaram um maior empenhamento.

A primeira atividade a evidenciar, designou-se “Saquinhos sensoriais” e a planificação encontra-se em anexo (Anexo I). Esta atividade foi de exploração livre, deixei à disposição das crianças os sacos para elas explorarem ao máximo.

Os sacos continham desde ervilhas, arroz, purpurinas com gel do cabelo entre outras, cada um destes sacos proporcionava às crianças sensações táteis, auditivas.

Isto porque, as crianças ao mexerem nos sacos, estes faziam barulho, visuais porque tinham bastante variedade de cores.

Esta atividade foi interessante para as crianças verem a mistura de várias cores, houve ainda oportunidade de nos tempos mortos voltar a proporcionar-lhes estes sacos e assim foi o resto da semana.

Nesse sentido as crianças poderem explorar e brincar com os sacos nas brincadeiras livres.

Foi possível ainda observar a curiosidade e vontade das crianças em mexer e explorar, foi bastante interessante ver o envolvimento motivação através do contacto com os materiais e interação com os pares.



Figura 1. Exploração dos saquinhos sensoriais

A segunda atividade que destaco intitula-se por “Paladar, Gostos e Sabores” e encontra-se planificada em anexo (Anexo II).

Esta atividade focou-se no paladar, através da qual, tive oportunidade de dar a experimentar às crianças várias frutas, apesar de serem frutos familiares para as crianças, exploramos as formas e os cheiros.

O objetivo passava por conseguir que as crianças de olhos tapados., tentassem perceber qual era a fruta.

É de realçar que primeiro antes desta experiência, levei a história dramatizada da lagartinha comilona, onde previamente realizei uma lagarta feita com uma meia, para dar dramatização à história e por sua vez, para que no fim as crianças pudessem explorar livremente

No final da dramatização realizada por mim, foram apresentadas várias frutas é que passamos para a prova de frutas, foi bastante giro ver a reação das crianças principalmente ao limão. Uma das crianças mais velhas da sala disse logo que não queria comer o limão porque picava, ou seja, já tinha conhecimento que o limão era uma fruta amarga, apesar de não ter utilizado a palavra amarga disse que picava.



Figura 2. Exploração do elemento da história



Figura 3. Degustação da pera



Figura 4. Sentir o cheiro do limão

Avaliação do Projeto

De modo a avaliar o projeto de intervenção recorri maioritariamente à observação direta que serviu para conseguir analisar e perceber que foi possível articular todos os objetivos anteriormente estipulados com as atividades desenvolvidas, ou seja, que fossem ao encontro das diferenças dos grupos, respeitando o ritmo de cada criança e sua respetiva faixa etária. Frisando ainda que todas as atividades implementadas, foram previamente aprovadas pela educadora cooperante, havendo sempre hipótese de melhorar ou acrescentar algo à planificação.

Através das atividades desenvolvidas penso que consegui englobar diferentes áreas de desenvolvimento, sendo que, na maioria delas como já tinha referido anteriormente englobavam todas as áreas. Outro aspeto que tive em consideração, foram os materiais que utilizei nas atividades.

No decorrer das atividades, tive que ter muito cuidado com os recursos materiais escolhidos/utilizados porque nestas idades as crianças colocam tudo na boca, portanto preocupei-me sempre em garantir a sua segurança, pois estes eram materiais de exploração e não podiam conter nenhum tipo de risco para as crianças.

No geral, as avaliações das minhas intervenções são positivas, não sendo fechadas porque nem sempre aconteceram conforme eu planifiquei, o que é normal porque vão sempre surgindo comentários por parte das crianças e perguntas.

Outras vezes surgia uma canção diferente ou perguntas, da minha parte, diferentes dependendo da receptividade das crianças. Por exemplo eu cantava uma música nova e elas gostavam, então acabava por cantar mais duas ou três vezes.

Tentei sempre promover a descoberta e despertar a curiosidade das crianças, promovendo sempre a sua autonomia quer nas atividades orientadas, quer em todos os momentos da rotina. Por

exemplo, depois da sesta, quando as crianças acordavam, iam ter com algumas delas para incentivá-las a calçarem-se sozinhas.

Estágio em Jardim de Infância

Caracterização da Instituição

O estágio em contexto de Jardim de Infância, foi realizado numa escola pertencente ao concelho de Santarém, com condições adequadas ao desenvolvimento das atividades pedagógicas e com uma localização geográfica privilegiada na localidade.

Segundo o Projeto Educativo da turma, esta localidade tem essencialmente características rurais, como pequenas terras de cultivo familiar, atualmente trabalhadas pelos mais idosos, assim como também algumas herdades de maior dimensão com produção de vinha, olival e milho.

Durante estas semanas podemos observar que relativamente às características do estabelecimento de ensino, o mesmo é constituído por muitas janelas, permitindo a entrada de luz solar, está rodeado por um espaço de recreio, protegido por uma pequena vedação que possibilita a interação com a comunidade.

O espaço exterior estava equipado com um cesto de basquetebol, uma caixa de areia, um baloiço de mola, uma casinha, alguns triciclos, baldes, pás, bolas, animais, entre outros brinquedos, mas também um equipamento lúdico que contém um escorrega, um corrimão para descer e uma pequena parede de escalada.

Ainda foi possível visualizar que as crianças tinham à sua disponibilidade para as suas brincadeiras água, árvores e plantas nos diversos recantos, cobertos e não cobertos.

De salientar que durante uma das conversas com a Educadora, tive conhecimento que devido ao espaço exterior ser abrangente ao recreio da escola do 1.º ciclo, existia a possibilidade de realizar atividades em conjunto, entre estas duas valências, sendo que na altura estas não podiam ser realizadas devido à COVID-19.

Observei ainda que no espaço interior, este estabelecimento de ensino era constituído por um hall de entrada, onde as crianças trocavam de calçado, duas arrecadações, uma sala de atividades, uma pequena sala de isolamento, uma casa de banho destinada às crianças e duas casas de banho para os adultos, estando uma delas adaptada a deficientes, um gabinete para docentes, e, ainda, uma cozinha e o refeitório partilhado pelos alunos do primeiro ciclo.

Caracterização da Sala

Ao entrar no edifício do Jardim de Infância deparamo-nos com a área do acolhimento.

No corredor existia a zona dos cabides onde as crianças guardavam os seus pertences, logo, de seguida, à esquerda estava a casa de banho constituída com três sanitas e quatro lavatórios.

Por fim encontrávamos a sala de atividades ampla e iluminada, dividida por oito áreas, nomeadamente, mesas de reunião, casinha, jogos de construção, garagem, pintura, computador, jogos de mesa e biblioteca.

A sala era composta de materiais e equipamentos que permitiam a expressão, experimentação, descoberta, construção e o jogo simbólico, destacando, a expressão espontânea, de livre escolha, por parte das crianças, mas também, o desenvolvimento de atividades orientadas. Na sala ainda se podia encontrar dois móveis, um deles destinado aos pertences das crianças, nomeadamente, os dossiês e caixas com materiais de expressão plástica, sendo que, o outro móvel continha nas prateleiras os jogos de mesa e na parte superior alguns materiais de expressão plástica para uso das profissionais de educação.

Existia ainda uma bancada dividida por duas partes, na parte superior estão presentes as garrafas de água das crianças e o lavatório, na parte inferior, uma pequena zona de arrumação para tintas e pincéis, com o intuito de auxiliar a área da pintura.

Na altura em que o estágio foi realizado, existia um espaço de reunião, que estava organizado segundo as medidas de prevenção à Covid-19.

Não existindo assim o “cantinho do tapete”, mas sim secretárias, divididas em dois, estando cada criança em cada topo, desta forma, existia a possibilidade de realizar as reuniões em pequeno ou grande grupo, estando todas as crianças centralizadas para um ponto da sala, onde a educadora se colocava para falar em uníssono com todas as crianças, pois como justifica as OCEPE (2016) “Importa, assim, que o/a educador/a reflita sobre as oportunidades educativas que esse ambiente oferece, ou seja, que planeie intencionalmente essa organização e avalie o modo como contribui para a educação das crianças, introduzindo os ajustamentos e correções necessárias.” (p.24)

Na minha opinião, considero que a sala é agradável, ampla, flexível e estimulante, porque tem ao dispor das crianças os vários espaços e materiais, que facilitam as aprendizagens das crianças, “(...) constituindo o suporte do desenvolvimento curricular, pois as formas de interação do grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender.” (OCEPE, 2016, p.24)

Caracterização do Grupo

O grupo na altura era composto por 15 crianças de nacionalidade portuguesa, oito do sexo feminino e sete do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 3 e 5 anos de idade, sendo este um grupo multietário.

Globalmente era um grupo assíduo, pontual, dinâmico, empenhado, curioso e participativo. As crianças eram ativas e demonstravam interesse e motivação para realizar as atividades, contudo algumas crianças, especialmente as mais novas revelavam alguma dificuldade em realizar algumas tarefas até ao fim, sobretudo devido à distração.

De destacar que as crianças eram cumpridoras das normas da sala e instituição, ajudavam-se mutuamente nas tarefas diárias e sentiam-se felizes e à vontade durante o seu quotidiano, na hora do recreio, nas atividades de sala de aula e rotinas diárias.

Foi ainda possível observar que as crianças demonstravam interesse pelas diversas áreas, jogos e brincadeiras, de salientar também, que as meninas escolhiam ir para a área dos jogos de construção e os meninos para a área da casinha, ou seja, não eram visíveis diferenças de género nas escolhas e brincadeiras. O grupo ainda demonstrava interesse noutras atividades, tais como, o desenho, a pintura, colagem, ouvir, ler e contar histórias e as conversas de grupo partilhando a sua opinião.

Também foi possível verificar que o grupo se encontrava num nível elevado, na escala do bem-estar, pois mostravam sinais óbvios, pois:

A criança mostra sinais óbvios de satisfação, sente-se como “peixe na água”, a criança gosta, aprecia de verdade, ela sente-se muito bem: parece feliz e alegre, sorri, vibra, grita de satisfação; é espontânea, expressiva e é realmente ela mesma; fala para si mesmo, brinca com os sons, canta; é relaxada, descontraída não mostra quaisquer sinais de stress ou tensão; é aberta e acessível ao meio ambiente; é animada, cheia de energia, irradia; expressa a autoconfiança. Uma situação de frustração apenas atinge o seu equilíbrio de forma passageira. (Portugal & Laevers, 2010, p.13)

Projeto de Intervenção

Gostaria de definir em primeiro lugar um projeto que fosse ao encontro das capacidades, necessidades e interesses do grupo.

Através de conversas com a educadora e das semanas de observação, onde o objetivo foi conhecer o grupo e cada criança, resolvi elaborar um projeto que incluísse as principais áreas de interesse das crianças.

Nas semanas de observação, na hora do recreio, tive o privilégio de presenciar várias situações espontâneas tais como, presenciar as crianças a explorarem a água numa banheira de brincar, lavando os materiais; realizarem construções na areia; regarem plantas; observarem insetos.

Todas estas situações surgiam no quotidiano do grupo e remeteram-me imediatamente para a área do Conhecimento do Mundo que “(...) enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê.” (OCEPE, 2016, p.85).

De salientar que quando estas situações aconteciam, tinha o cuidado de realçar e dar importância às descobertas das crianças, realizando perguntas e incentivando-as a realizar novas descobertas, tal como explicam as OCEPE (2016) “Esta (...) curiosidade é fomentada e alargada (...) através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, bem como pelo contacto com novas situações que suscitam a sua curiosidade e o interesse por explorar, questionar, descobrir e compreender.” (p.85)

Assim nasceu o projeto “Vamos ser cientistas!”, com o intuito de motivar as crianças a quererem explorar e descobrir o seu meio envolvente, serem participativas e opinativas.

Um dos principais objetivos focava-se no envolvimento das crianças na escolha do projeto e o seu planeamento; entre outros como; conhecer o meio envolvente apropriar-se do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas; questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las; comunicar as descobertas e o seu conhecimento utilizando diferentes tipos de linguagem (oral, escrita, matemática e diferentes linguagens artísticas); ensaiar formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar.

As crianças participavam nas escolhas das atividades, no sentido em que lhes era dada a possibilidade em conversas de grande grupo, discutir ideias, ouvir opiniões e em conjunto decidir o que fazia mais sentido para aquele momento.

Por exemplo, na semana das atividades alusivas ao Natal, foram as crianças que escolheram qual a lembrança que queriam fazer para oferecer à família, participaram também na escolha do embrulho.

As estratégias inicialmente programadas passavam por; fazer experiências (ex: flutua e não flutua); fazer registos das experiências; planificar e elaborar um jornal de parede; debates e discussões em grande grupo; participar ativamente na elaboração do projeto e da respetiva planificação. A planificação do projeto encontra-se em (anexo III).

Principais atividades desenvolvidas

As atividades implementadas decorreram como esperado uma vez que as crianças participaram, mostraram interesse e ainda despertarem para novas experiências

A primeira atividade a evidenciar é a “Exploração de luz e sombras” e a planificação encontra-se em (anexo IV).

Esta atividade, surgiu na continuidade dos temas que já tinham sido abordados na semana anterior e despontou, pelo interesse que eu observei nas crianças, na hora do recreio ao brincarem com o espelho da casinha, fazendo com que a luz deste refletisse nas paredes da sala.

Assim, decidi dar continuidade à luz e introduzir as sombras.

Para tal tentei que o assunto surgisse naturalmente e para isso fomos para a rua brincar.

Eu fui perguntando às crianças se elas conseguiam encontrar sombras, foi aí que surgiram várias reações por parte das crianças.

Quando uma criança encontrava uma sombra, de um objeto, ou elemento da natureza, eu ia delineando com a sua ajuda a forma numa cartolina.

Por fim, na sala as crianças pintaram por dentro as sombras em preto, recortaram e ficaram expostas penduradas na sala.



Figura 5. Descobrir sombras



Figura 6. Descobrir sombras dos elementos da natureza



Figura 7. Pintar as sombras

Mais tarde, explorámos as sombras com o auxílio do projetor, as crianças descobriram que ao colocarem-se à frente da luz, a sua sombra aparecia no pano. Nesse sentido achei que fazer o jogo de descobrir quem é quem a partir da fotografia da sombra do colega, faria sentido, então tirei uma fotografia a cada criança e mais tarde pusemos o jogo em prática, o objetivo era a fotografia da sombra aparecer na tela e as crianças adivinharem de quem era aquela sombra.



Figura 8. Dança com sombras



Figura 9. Exploração livre

As crianças também demonstraram um especial interesse pelo teatro de sombras que eu e a minha colega realizámos, mas mais do que assistir ao nosso teatro, as crianças ainda gostaram mais quando foi a vez delas de criar e inventar uma peça de teatro de sombras.



Figura 10. teatro de sombras



Figura 11. teatro de sombras 2

Para terminar, as crianças construíram um jogo de pares com sombras e jogamos em grande grupo.



Figura 12. jogo dos pares

A segunda atividade é sobre os “Direitos dos Animais” (anexo V), esta atividade despertou em primeiro lugar muito entusiasmo com os novos membros da sala, dois peixinhos que eu levei para a sala, fiz uma votação com as crianças para decidir os nomes dos peixinhos e também fomos pesquisar como cuidar deles.



Figura 13. exploração dos peixes



Figura 14. escolha dos nomes dos peixes



Figura 15. exploração dos peixes 2

Aproveitando o cuidado a ter com os animais, conversei com as crianças sobre o tema dos direitos dos animais, seguidamente as crianças fizeram um desenho em grupo numa cartolina grande. Esse desenho transformou-se num puzzle, ficou assim um material lúdico, neste caso um jogo para a sala.



Figura 16. desenho dos direitos dos animais



Figura 17. construção do puzzle



Figura 18. finalização da construção do puzzle

O momento com o DOC (robot), foi o que despertou ainda mais interesse das crianças, este robot programava-se para a frente e para trás consoante os passos que querem que ele dê, o objetivo deste jogo era as crianças irem buscar as imagens dos animais e o seu respetivo alimento.

Ainda mais interessante e motivante foi quando as próprias crianças fingiram que eram elas o robô e perceberem quantos passos elas tinham de dar para chegar ao sítio pretendido.



Figura 19. exploração do DOC



Figura 20. exploração do DOC 2

Comemorámos ainda o dia Internacional dos direitos das crianças, assistindo a um vídeo intitulado “O que são os Direitos da Criança com a Rita e o João - UNICEF” (https://www.youtube.com/watch?v=06thGg9wCaw&ab_channel=UNICEF) UNICEF Portugal (2004) , que transmitia, quais os direitos das crianças, depois de refletirmos sobre o mesmo, construímos um cartaz com os principais 10 direitos das crianças.

O grupo de crianças mais velho, já sabia alguns dos direitos, como o direito de brincar, de andar na escola e de ter água para beber.



Figura 21. visualização do vídeo "os direitos das crianças"



Figura 22. construção do cartaz



Figura 23. apresentação do cartaz sobre os direitos das crianças

Avaliação do Projeto

Este projeto foi dividido em dois grandes momentos, o primeiro corresponde à fase de observação e respetivo planeamento, o segundo momento diz respeito à implementação do mesmo.

Nesta primeira parte, objetivo era fazer uma observação participante, de modo, a conseguir perceber quais os maiores interesses das crianças, utilizando assim, várias ferramentas, desde a observação direta, aos diários de bordo, as grelhas de envolvimento e bem-estar.

Outro dos objetivos era conhecer as crianças não só como grupo, mas também individualmente e tentar perceber através de conversas com a educadora se existia alguma problemática ou alguma questão a melhorar.

O que levou à decisão do projeto “*Vamos ser cientistas!*” foi principalmente, os momentos de brincadeira, no recreio, onde observei que as crianças privilegiavam a exploração e a descoberta, a procura de insetos e plantas diferentes, estas situações remeteram-nos para a área do conhecimento do Mundo.

O meu papel enquanto estagiária foi realçar e dar importância às descobertas das crianças e ajudá-las a descobrir as respostas para as suas questões.

Na segunda etapa do projeto, onde este foi posto em prática, fazendo uma autoavaliação e utilizando uma atitude crítica considero ter conseguido cumprir todos os objetivos, anteriormente, estipulados com as atividades a que me propus, sendo que, todas as planificações de atividades eram flexíveis e com possibilidade de sofrerem alterações e melhorias, conforme as sugestões das crianças e sempre com a supervisão da educadora cooperante.

A avaliação constituiu essencialmente na observação direta e sistemática, através de fotografias das crianças, nos registos, no trabalho diário e na adequação metodológica, tendo igualmente, por base, conversas formais e informais com a educadora e com a auxiliar da ação educativa, a fim de juntas conseguirmos dar uma melhor resposta às necessidades de cada criança, ao nível das suas aprendizagens.

A maior dificuldade foi em conseguir gerir o tempo com o grupo nas atividades e conseguir de entre tantas ideias de propostas, escolher apenas as que mais se enquadravam naquela situação ou naquela semana, visto que muitas vezes eu queria levar mais atividades, mas o tempo nem sempre o permitia, então nem sempre foi fácil optar pela melhor decisão. Nunca esquecendo que as crianças davam também as suas opiniões e a maioria das vezes surgiam novas atividades completamente diferentes do que eu tinha planeado, devido às suas reações perante alguma atividade, que lhes despertaram maior interesse e acabávamo-nos por prolongar mais naquela atividade e no final acabávamos por não ter tempo de fazer as restantes, o que não signifique que seja algo negativo, quer dizer que aquela atividade era apelativa.

Futuramente, a implementação deste projeto proporcionou às crianças aprendizagens significativas e momentos que elas lembravam após várias semanas, como por exemplo nomes científicos ou resultados de experiências feitas.

Parte II – Exercício Investigativo

2.1 Percurso Investigativo

A questão que deu origem ao presente exercício investigativo, surgiu no decorrer dos vários momentos de prática de ensino supervisionada em contexto de creche e jardim de infância, uma vez que tive o privilégio de estagiar em contextos onde as profissionais valorizavam a voz das crianças no desenvolvimento da prática educativa.

Ao ter presenciado a importância deste tipo de prática educativa no desenvolvimento global da criança, despertou-me interesse em estudar mais sobre a temática de modo a enriquecer, também, a minha própria prática e o meu processo de aprendizagem profissional, tornar a minha prática mais consciente relativamente aos cuidados que devem ser adotados, face ao benefício de dar voz às crianças, como é referido pelo autor (Oliveira-Formosinho, 2007).

Fazendo ainda a ligação entre a minha experiência profissional, no contexto de jardim-de-infância e o presente exercício investigativo que tem como título: “O papel da(s) voz(es) das crianças nos processos de aprendizagem e desenvolvimento em contexto de educação de infância”, e com isto de que modo a valorização de ouvir a criança contribui para uma melhor prática, irei descrever situações onde no estágio interliguei o meu tema.

Basicamente o projeto de estágio e o meu tema de investigação andaram sempre de mãos dadas, visto que o projeto tinha como objetivos, comunicar as descobertas e o seu conhecimento utilizando diferentes tipos de linguagem (oral, escrita, matemática e diferentes linguagens artísticas); ensaiar formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar; assumir responsabilidades, tendo em conta, o seu bem-estar e o dos outros; aprender a planear. Tudo objetivos que nos remetem para a área da formação pessoal e social que é precisamente a área que refere que o educador deve valorizar e respeitar cada criança, manifestando essa atitude de modo que constitua um modelo de relação entre crianças.

O desafio é o de as ouvir no que têm para nos dizer e o de as escutar, isto é, tornar as suas falas centro da compreensão dos contextos educativos e da sua transformação (Oliveira-Formosinho, p.70).

Durante os meus estágios, surgiram também outras questões, tais como: o que posso fazer para motivar as crianças para as aprendizagens; como é que eu sei quais os seus interesses? Até que ponto as crianças conseguem participar nas escolhas de projetos, ou situações do dia-a-dia? Na tentativa de dar resposta a estas questões, e com a realização de um estágio com um grupo de crianças que era bastante participativo e ativo, acabei por compreender que as crianças são elas o próprio processo e que os educadores podem realizar todos estes processos com elas e não sobre elas “Ouvir a voz das

crianças se constitui mesmo como uma diretriz vertebradora na compreensão de factos e dinâmicas sociais onde as crianças contam” (Sarmiento, 2006a, p.1).

Percebi que a melhor forma de avaliarmos e reajustarmos a nossa prática tendo como eixo a aprendizagem e o desenvolvimento da criança é escutar as suas vozes, para assim conseguimos melhor identificar e respondermos às suas necessidades, interesses, competências e direitos.

A melhor forma de contribuir para o desenvolvimento cívico de cidadãos participativos, desde a infância, temos que estar conscientes da necessidade de promover organizações, instituições como comunidades de práticas e salas de atividades como comunidades de aprendizagem, onde as vozes das crianças são escutadas no processo de construção do sentido da realidade e onde as suas falas são incorporadas na ação e na investigação (Wenger,2001)

2.2 Revisão da Literatura

Pedagogia-em-Participação

Uma pedagogia da infância de carácter participativo pela parte da criança é o ponto de partida para a sua aceitação enquanto sujeitos dos processos desenvolvidos em contexto de jardim de infância,

“Tal perspectiva metodológica, que valoriza a voz e as realizações infantis, assenta-se na conceção da criança como ser que vive e tece a história, tem competência e é sensível aos diferentes contextos educativos, que necessita de cuidados especiais dos adultos, mas está em franco processo de conquista de sua autonomia” (Pinazza & Kishimoto, 2008, pp. 7,8).

Dahlberg, Moss e Pence (1999) afirmam que a criança é vista como um ser ativo, competente e com direitos, é também possuidor de uma voz própria, neste sentido é importante existirem nos Jardins-de Infância pedagogias participativas, uma vez que estas fundem um conjunto de princípios que reconhecem e valorizam os direitos das crianças, nomeadamente, os direitos de participação, incorporando-os na vida e nas relações quotidianas, permitindo que as crianças sejam construtoras das suas próprias aprendizagens e celebrem as suas realizações (Oliveira Formosinho, 2007) .

No âmbito de uma pedagogia em participação Formosinho recomenda que o quotidiano educativo, coloque a criança como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que participa como cidadã na vida social e escolar (Oliveira-Formosinho 2008).

Tal como referem James e Prout (1990), as crianças devem ser percebidas como ativas e envolvidas na construção das suas vidas sociais. Mais uma vez se destaca aqui a importância de valorizar os direitos das crianças.

Existem de facto, dois artigos da Convenção dos direitos da criança (1989) que referem o direito de a criança ser escutada, participar e ter controlo da sua vida:

Artigo 12º “Os estados partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade.”

Artigo 13º “A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.”

Ma não nos podemos auxiliar só pela lei tal como Gunk (2009) os adultos têm a obrigação de organizar e estruturar o processo educativo, dando voz e participação às crianças.

Estas questões vão ao encontro de estudos relacionados com as questões de cidadania e encontram-se referidas nas orientações curriculares mais propriamente dentro da área da formação pessoal e social, sendo o papel do educador criar práticas educativas que desenvolvam temas como a cidadania e o género, estas questões fazem parto do quotidiano.

“O educador tem um papel essencial para promover estes aspetos sociológicos e os deveres de cidadania às crianças. Enquanto membros da sociedade, cabe ao educador promover estas aprendizagens, quando organiza o ambiente educativo de modo que todos, independentemente do género, etnia, capacidade intelectual ou física, sintam que fazem parte do grupo e têm as mesmas oportunidades.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016:41).

O educador deve de apoiar o envolvimento da criança e proporcionar experiências interativas e contínuas dispondo a criança ao direito de participação para a construção de aprendizagens.

A pedagogia participativa prevê é necessário criar: espaços-tempos pedagógicos onde as interações e relações sustentam atividades e projetos que permitem às crianças construir a sua própria aprendizagem e celebrar as suas realizações (Oliveira-Fromosinho,2008).

Organização do Espaço e Materiais

Para que o espaço possa desempenhar o seu papel no âmbito do ambiente educativo é necessário, um ambiente promotor do direito à participação, daí existir uma preocupação para a importância da organização do espaço e dos materiais pedagógicos.

“Procura-se que o espaço pedagógico seja aberto às vivências e interesses das crianças e comunidades; seja organizado e flexível; plural e diverso; seja estético, ético, amigável, seja seguro; seja lúdico e cultural” (Oliveira-Formosinho ,2008).

A sala enquanto espaço, deve ser um lugar de encontro, um espaço de escuta de cada um, mas também de grupo, um espaço que permita a criança, ser, estar, pertencer e participar, experienciar, comunicar, criar e narrar.

Assim a organização do espaço, não deve ter um único modelo, nem ser fixa, o educador deve ir adaptando consoante as necessidades e projetos e atividades que vão sendo desenvolvidas ao longo do ano.

Deste modo para que o espaço tenha o seu papel no âmbito do desenvolvimento educativo, este deve ter uma organização flexível, que inclua todas as diversidades e respeite as identidades, para que a criança possa desenvolver as capacidades de autonomia e colaboração no âmbito do brincar e aprender.

O educador deve também permitir que as crianças tenham acesso aos materiais a áreas diferenciadas, facilitadoras de aprendizagens significativas.

A este propósito podemos recordar Freire (2000) que defende a ideia de que não basta o chão limpo e salas enfeitadas. Existe uma preocupação para a pedagogia na organização dos espaços e materiais.

O espaço deve estar organizado de forma que a criança consiga ser autónoma, ter acesso facilitado aos materiais e cooperativa, uma organização do espaço em áreas, é a primeira forma de intervenção do educador, “o que cada educador(a) faz com um dado espaço tem muito a ver com a sua história de vida pessoal e profissional, com as suas redes de pertença, com a sustentação do seu dinamismo inovador” como salientam Oliveira-Formosinho (2011:13)

Organização do tempo e dos grupos de aprendizagem

Em relação ao tempo pedagógico, o principal é que o educador respeite o ritmo da criança, tendo em conta o seu bem-estar. A autora (Júlia Oliveira Formosinho) apresenta a rotina como tempo pedagógico para aprendizagens múltiplas. O acolhimento, a planificação, a reflexão, a clarificação destes momentos em seguida são apenas alguns exemplos de como a criança vive um dia com a pedagogia-em-participação

O acolhimento é um espaço-tempo de reencontro, “é um tempo de escuta individual, de grupo, de escuta dos pares; é um tempo que contagia os outros tempos e que abre portas do emergente, que provoca outros diálogos e outros pontos de partida” Oliveira-Formosinho (2011:74)

A planificação cria um momento em que as crianças têm direito para refletir, escutarem os outros e a si próprias para assim conseguir definir as suas intenções, o papel do educador é criar um momento para que se comunique essa escuta. “Planificar é dar à criança poder para se escutar e para comunicar a escuta, para fazer planificações como forma refletida de iniciar a ação; a criança que estua cria habitus de definir intencionalidades e propósitos e de tomar decisões” Oliveira-Formosinho (2011:77)

Quando as crianças refletem em comunicação, estão a exteriorizar as suas aprendizagens e os seus sentires, neste caso a documentação é fundamental para este processo. (Azevedo,2009) A documentação estimula a partilha, a narrativa, é um processo para registar a aprendizagem, a Pedagogia-em-Participação coloca a documentação, no centro do processo de aprendizagem, pois documentar permite descrever, interpretar, narrar a experiência, significá-la (Azevedo,2009).

Documentação Pedagógica

A documentação pedagógica inscreve-se numa visão democrática de educação que reconhece a todos os atores implicados no processo educativo o direito à participação (Azevedo, 2009) e desempenha um papel central no planeamento e na avaliação da educação pré-escolar.

A documentação pedagógica é uma estratégia que permite que a criança seja participativa, assim o educador planifica com ela e não para ela, isto é uma estratégia pedagógica para escutar as crianças e assim poder responder educativamente a essa escuta.

Segundo as OCEPE, a documentação pedagógica é a

“organização, análise e interpretação de registos e documentos recolhidos com a finalidade de descrever a essência de um determinado processo pedagógico. Tem como intenção compreender e atribuir significado às aprendizagens realizadas pelas crianças e ao quotidiano pedagógico, trata-se de uma prática utilizada para tornar os processos e os progressos de aprendizagem das crianças visíveis, para promover a participação dos pais/famílias e para apoiar os profissionais a refletirem sobre a sua prática educativa” (Lopes da Silva et al., 2016a, p. 106).

Este processo de documentação permite às crianças que ganhem voz, que participem e que se façam ouvir, garantindo assim, que uma multiplicidade de perspetivas pode ser analisada: a das crianças e a das educadoras.

“A documentação como um espaço-tempo em que as educadoras “suspendem” a sua intervenção para ver, ouvir, escutar a vivência das crianças remeto-nos para a compreensão de uma imagem de criança que sente e se expressa, pensa e experimenta, cria compreensões da aprendizagem experiencial, inicia-se a um sentimento de que é um sujeito de direitos de quem se espera que, progressivamente, se compreenda a si próprio como ser e voz e participação” Oliveira-Formosinho (2011:37)

Escutar as vozes das crianças

Os teóricos estudados, defendem que ouvir as vozes das crianças é um meio que melhora o conhecimento acerca dos aspetos da infância.

Estes autores, incluindo Oliveria Formosinho dão grande ênfase à importância e utilidade de escutar as vozes das crianças.

Para James e Prout (1990), as crianças deverão ser percebidas como ativamente envolvidas na construção das suas vidas sociais

Ao escutar as vozes das crianças o educador fica a conhecer as suas interpretações, e capacidades, para assim criar contextos educativos de qualidade, em que os percursos se fazem com as crianças e não para as crianças, para isso é necessário reconhecê-las como sujeitos de plenos direitos no quadro da investigação (Marchão & Henrique 2014).

A criança é assim vista como um ser ativo, competente e com direitos, co. Construtora de conhecimento, identidade e cultura, Dahlberg, Moss e Pence (1999) a criança, é, assim possuidora de uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num diálogo democrático e na tomada de decisão .

O educador tem um papel essencial para promover estes aspetos sociológicos e de deveres de cidadania, às crianças enquanto membros da nossa sociedade, cabe assim ao educador promover estas aprendizagens, quando organiza o ambiente educativo de modo que todos, independentemente do género, etnia, capacidade intelectual ou física, sintam que fazem parte do grupo e têm as mesmas oportunidades. (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016)

Atualmente a imagem da criança é vista como a imagem de um ser com competência cognitiva, moral, social, emocional, racional (Oliveira-Formosinho, 2005). Entende-se a criança como capaz de compreender, refletir, dar respostas válidas e participar na vida social, o que nem sempre foi assim, antigamente a criança era vista como um ser que não fala, com ausência de saberes e raciocínio abstrato era vista como “um papel em branco”.

Este nível de participação efetiva da criança pode ser promovido através de diversas formas de escuta, nomeadamente a observação e o registo, a documentação fotográfica ou a análise das produções das crianças.

No âmbito de uma pedagogia em participação recomenda-se que o quotidiano educativo, coloque a criança como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que participa como cidadã na vida social e escolar (Oliveira-Formosinho 2004) recomendam que as entrevistas a crianças sejam imbuídas de alguns procedimentos: as conversas podem ser a par ou em tríade; pode recorrer-se a objetos de apoio (um brinquedo, uma fotografia, uma narrativa...), podem formular-se questões hipotéticas (tornando a entrevista numa situação de faz de conta); devem formular-se questões na terceira pessoa; as entrevistas devem ser curtas e rápidas; e devem ocorrer num momento adequado, oportuno – “não é boa estratégia entrevistar crianças quando elas têm à sua disposição atividades mais interessantes” (Graue & Walsh, D.2003, p. 143).

De forma conclusiva é importante este processo de escuta das vozes das crianças para melhor conhecermos e identificarmos e conseguirmos responder às necessidades das crianças, interesses, competências e direitos.

3. Procedimentos Metodológicos

Questão e objetivos do estudo

O estudo partiu da seguinte questão orientadora:

Qual a importância de escutar as vozes das crianças, na concepção e operacionalização de uma prática educativa favorecedora da aprendizagem e desenvolvimento.

A fim de dar resposta à questão formulada, pretende-se alcançar os seguintes objetivos:

- Conhecer a concepção dos Educadores sobre processos de escuta e de diálogo, no desenvolvimento da prática pedagógica/educativa;
- Saber qual a opinião dos educadores sobre a importância de dar voz às crianças para o seu sucesso educativo;
- Caracterizar o processo de planeamento da prática educativa que integre a escuta e o diálogo;
- Caracterizar a organização do ambiente educativo que favoreça a escuta e o diálogo;
- Definir práticas educativas favorecedoras do processo de escuta e do diálogo
- Descrever questões facilitadoras para a prática educativa do processo de escuta e diálogo
- Identificar principais fragilidades/obstáculos para o processo de escuta

Tipo de estudo

Depois de definido o tema e os objetivos do trabalho de investigação, surge necessidade de selecionar a metodologia mais adequada para a resposta à questão de pesquisa

Os objetivos do meu estudo são perceber quais as concepções dos(as) educadores(as) sobre processos de escuta e diálogo, saber quais as suas opiniões sobre a importância de dar voz às crianças para o seu sucesso educativo, entre outras questões de opinião em que é importante dar uma maior atenção aos resultados obtidos.

Desta forma, para melhorar a compreensão destas realidades mais complexas, optei por um estudo qualitativo de pesquisa que tem como objetivo a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações num dado contexto.

Na abordagem qualitativa, o principal objetivo é o de compreender de uma forma global as situações, as experiências e os significados das ações e das percepções dos sujeitos através da sua dilucidação e descrição (Bogdan e Biklen, 1994).

O inquérito por entrevista foi a técnica que me pareceu mais adequada para a recolha de dados que utilizei nesta investigação, são algumas das que melhor dão resposta às características

anteriormente referidas (Serrano, 2004) porque, estas técnicas colocam o investigador em contacto direto e aprofundado com os indivíduos e permitem compreender com detalhe o que eles pensam sobre determinado assunto ou fazem em determinadas circunstâncias. Como refere Serrano (2004:32) interessa “conhecer as realidades concretas nas suas dimensões reais e temporais, o aqui e o agora no seu contexto social”.

Deste modo, o processo de uma investigação-ação no campo da educação deve ocorrer em comunidades escolares através de um trabalho em rede, tendo os profissionais a oportunidade de partilhar as suas opiniões, conhecimentos, mostrar a sua autonomia e o seu empenho face ao processo de aprendizagem (Fonseca J. , 2013).

Participantes do Estudo

No presente estudo, contei com a participação de quatro entrevistados, todos do sexo feminino com idades compreendidas entre os 48 aos 68 anos, sendo que a mais nova tem 24 anos de serviço e a mais velha, que de momento já se encontra reformada, completou 42 anos de serviço.

As primeiras participantes, são duas educadoras de uma (IPSS) e as outras duas participantes são educadoras da rede pública.

Em (Anexo IV) podem ser consultados os quadros mais detalhados de identificação das participantes do estudo.

Instrumentos de Recolha de Dados

A recolha dos dados foi definida em analogia com o tipo de estudo e com a informação que era necessária recolher, onde foi possível utilizar entrevistas semiestruturadas e a análise documental.

Segundo (Katele & Rogiers, 1993), o melhor método de recolha de dados é efetuado através de entrevistas, baseado em diálogos orais e reais entre o entrevistador e o entrevistado, que pode ser mais que duas pessoas, sendo que os entrevistados devem ser escolhidos de forma rigorosa para uma boa análise de informação. Quando utilizamos o método da entrevista, uma das vantagens é a possibilidade de aceder de imediato a informação importante para o estudo.

Depois de várias leituras sobre o tema das entrevistas, selecionei as entrevistas semiestruturadas, que contam com a presença de um guião pré-definido, cuja finalidade é estruturar o diálogo (Ludke & André, 1986). Porém, esse mesmo documento orientador não necessita de ser cumprido de forma rigorosa, tendo o entrevistador a possibilidade de realizar os ajustes e as alterações necessárias no decorrer da entrevista (Ludke & André, 1986).

Construí um guião composto por quatro blocos que por sua vez se dividem em objetivos e questões. O primeiro bloco visa identificar quem são as entrevistadas, tem como objetivos, identificar os sujeitos da amostra em estudo e caracterizar o percurso profissional dos sujeitos da amostra em estudo, em que as questões são saber qual a idade, o tempo de serviço, há quanto tempo leciona no atual estabelecimento e se é público ou privado.

O segundo bloco, tenta compreender, qual a conceção sobre a importância da escuta e do diálogo e tem como objetivos, conhecer a conceção dos educadores sobre processos de escuta e de diálogo; saber qual a opinião dos educadores sobre a importância de dar voz às crianças para o seu sucesso educativo. As questões começam por; “como caracteriza a importância da escuta no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa”, “qual é, para si, a relevância de dar voz às crianças na operacionalização do processo de aprendizagem”; “como equaciona a “voz da criança” no planeamento da ação educativa”; “como prevê, a importância do diálogo no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa” (Anexo VII, Guião da Entrevista)

O terceiro bloco pretende conhecer métodos de planeamento, onde os objetivos passam por saber quais os métodos de planeamento para o processo de escuta e do diálogo; caracterizar a organização do ambiente educativo; caracterizar práticas educativas favorecedoras do processo de escuta e do diálogo e as questões, vão desde, nas suas planificações onde podemos ver a sua intenção para a promoção da valorização da voz e da escuta e no desenvolvimento da sua prática; como atende ou reconhece o que a criança tenta transmitir; os pensamentos e “sentires”; que tipo de estratégias e atividades fazem sentido para dar oportunidade à voz da criança; que práticas são facilitadoras para o processo de diálogo com as crianças. O último bloco refere-se a exemplos práticos onde os objetivos são descrever exemplos de questões facilitadoras para a prática.

A utilização de entrevistas semiestruturadas implicou o uso de um guião de entrevista, cuja ordem das questões podia ser alterada, na eventualidade de ser necessário. No entanto, procurei seguir a estrutura, uma vez que o guião apresenta uma sequência lógica dos assuntos, começando pelas questões mais simples até às mais complexas (Ludke & André, 1986).

Devido à pandemia, todas as entrevistas foram realizadas através de plataformas digitais. No entanto, todas as entrevistas deram início com um pequeno diálogo, tendo sido esclarecido o tema da investigação e os objetivos da entrevista.

Depois de realizadas as entrevistas procedeu-se a fase de transcrição das mesmas, podendo estas ser consultadas em anexo. (Anexo VIII - Transcrição de Entrevistas das Educadora

Procedimentos de análise dos dados

A análise de dados é um processo de transformação, que tem como objetivo destacar as informações que são mais úteis, já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (Gil, 1999)

É o processo de formação de sentido além dos dados. Este processo acontece com a consolidação e interpretação do que os entrevistados dizem e com o que o pesquisador leu e compreendeu, é processo de formação de significado

O conceito de análise de conteúdo, segundo Krippendorff (1980), é “uma técnica de pesquisa para fazer inferências válidas e replicáveis dos dados para o seu contexto” (Krippendorff como citado por Ludke & André, 1986, p. 41).

Neste caso a minha análise de conteúdo foi a análise que eu fiz das entrevistas, depois de transcrevê-las.

Analisando os dados foi essencial cumprir as três fases de análise de dados definidas por (Bardin 1997), nomeadamente: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados: a inferência e interpretação (Bardin, 1977).

Na etapa de exploração do material foi necessário escolher as unidades de codificação e efetuar a técnica de recorte, que, por sua vez, implica a seleção da informação das entrevistas de acordo com os objetivos definidos na investigação, obtendo-se uma representação precisa dos dados recolhidos, facilitando assim o processo de agrupamento e análise do conteúdo (Bardin, 1997).

Essa seleção da informação possibilitou-me encontrar as unidades de registo, segmentos específicos do discurso, por norma, palavras, frases ou temas que surgem de forma repetida e que são recorrentemente abordados (Holsti, 1969 como citado por Ludke & André, 1986).

Posteriormente, realizei a contagem das unidades de registo e construí as categorias, sendo estas, um reflexo dos objetivos do estudo (Guba & Lincoln, 1981 como citado por Ludke & André, 1986) que abrangem as unidades de registo com características comuns (Guba & Lincoln, 1981 como citado por Ludke & André, 1986). As categorias subdividiram-se em subcategorias, tendo em conta os dados que foram recolhidos nas entrevistas e os documentos analisados.

Desta forma e para simplificar a análise e interpretação de dados, procedi à elaboração de uma tabela, que se encontra planificada em (Anexo IX- Quadro das entrevistas das Educadoras), dividida em Blocos Temáticos, Categorias, Subcategorias, Exemplos de Unidade de Registo, Número de Unidade de Registo (Número de U.R.) e Número de Sujeitos.

Na terceira fase, ocorreu a interpretação dos dados, que abrange as transcrições das respostas das participantes do estudo em analogia ao estudo que fiz da fundamentação teórica.

Por fim, importa reconhecer que o processo de descodificação da análise de conteúdo não implica apenas uma aplicação do conhecimento acerca da avaliação dos dados, mas também que o investigador recorra à sua capacidade perceptiva, intuitiva e à sua sensibilidade (Krippendorff, 1980 citado por Ludke & André, 1986).

Apresentação e Análise dos Resultados

Neste ponto serão analisadas as entrevistas elaboradas às Educadoras e retiradas as principais conclusões de acordo com o que é defendido pelos autores estudados.

Resultados das entrevistas às educadoras

A análise das entrevistas, encontra-se em (Anexo X) com os dados dispostos de forma organizada e sintetizada para melhor compreensão dos resultados obtidos.

Logo a seguir irei elaborar um texto que sintetiza os resultados alcançados em cada categoria de análise.

Na primeira categoria, escuta e diálogo como processo facilitador, duas das entrevistadas referem que estes dois procedimentos permitem compreender se as crianças efetivamente atingiram a aprendizagem, **(E1)**, “*é através da escuta que nós sabemos se as crianças vão aprendendo diariamente.*” e “*é através do que elas nos dizem, comunicando que nós percebemos se elas estão a atingir os objetivos, as competências*” **(E1)**, **(E4)**, “*é necessário a escuta, sem isto não há crescimento nem desenvolvimento.*”. Uma das entrevistadas acrescenta, que não só o processo de diálogo e escuta possibilita perceber se as crianças aprenderam, como também, dá oportunidade de a educadora aprender **(E1)**, “*se nós ouvirmos as crianças podemos aprender imensas coisas com elas.*”.

Articulando as ideias apresentadas com os autores estudados o processo de escuta e de diálogo facilita o acesso à aprendizagem. “*Quando consideramos a criança com um estatuto central assumimos os processos de escuta como promotores da emergência da criança e assumimos que elas têm direito a ser ouvidas e que nos dizem e «contam» «coisas» importantes e que nós adultos «precisamos de capacidade para entender as [suas] mensagens» (Kinney e Wharton, 2009: 21). Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) salientam que «a escuta é um processo de ouvir a criança sobre a sua colaboração no processo de construção do conhecimento, isto é, sobre a sua colaboração definição da sua jornada de aprendizagem (p.208)»*”

Na perspectiva de duas educadoras, a relação entre a escuta e o diálogo, pode beneficiar uma e qualquer ação educativa **(E3)**, “*escutar é compreender, tentar pormo-nos no lugar do outro e eu acho que isso é fundamental, é mesmo a essência da relação e do ato educativo...*” e “*não havendo escuta, não há resposta por parte da criança, esta só responde quando sente que tem um diálogo que é bilateral.*” **(E4)**. Ouvir as vozes das crianças enquanto meio para melhor contruir conhecimento acerca de aspetos da infância.

A educadora 4 realça que as crianças terão maior facilidade em comunicar quando estão na presença de adultos que estão predispostos a escutar, **(E4)** “*não havendo uma escuta por parte do adulto, seja ele qual for, educadora de infância, família, seja quem for, a criança recusa-se a falar.*”.

Esta ideia é defendida de facto, vários autores defendem a importância e utilidade de escutar as vozes das crianças, relativamente a aspetos que lhes dizem diretamente respeito (Campos e Cruz, 2006; Oliveira-Formosinho e Araújo 2004)

Referem ainda, que a escuta e o diálogo são um processo facilitador do desenvolvimento global da criança, “se a comunicação e o despertar o interesse da criança para responder a determinados estímulos não existir, não estamos a contribuir para o seu desenvolvimento.” (E4). Duas das educadoras, acrescentam a importância da escuta para o desenvolvimento da linguagem das crianças “é na escola que as crianças são mais ouvidas e temos que aproveitar esses momentos que potenciam o desenvolvimento da linguagem...”(E2), ou seja, “para o estímulo da linguagem, do desenvolvimento do raciocínio, da equação da resposta pergunta e diálogo é necessário a escuta, quer por parte do adulto, que estimula a escuta por parte da criança, porque sem isso não há desenvolvimento”. (E4). Este processo segundo uma das entrevistadas também facilita a expressão de emoções por parte das crianças, dando assim a possibilidade de as educadoras terem conhecimento dos sentimentos das crianças “é através da escuta que nós sabemos se as crianças são felizes.” (E1). Segundo as OCEPE (2016) “É no clima criado pelo(a) educador(a) que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frase Mais corretas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e da comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação”. (Orientações Curriculares para a educação Pré-Escolar 2006:62) Se a criança se sentir escutada vai ter interesse em comunicar, “Cabe ao(a) educadora(a) alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções, que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como recetores” (Orientações Curriculares para a educação Pré-Escolar 2006:62)

A educadora, considera que o processo de escuta (E3) “é um conceito muito interessante...escutar é também compreender...”, ajudando, assim, a conhecer a criança “se têm algum problema, algum medo...” (E1), porém “é através da observação sobretudo, porque nem sempre as crianças nos comunicam as suas ansiedades, os medos, ou as suas alegrias por palavras. (E1). Isto porque nem todas as crianças têm as mesmas características, por exemplo, “aquelas crianças mais introvertidas, mais caladas muitas vezes sabem as coisas e não respondem e muitas vezes nós nas avaliações que fazemos acabamos por dizer que ainda está em aquisição quando muitas vezes já está adquirido.” Segundo Júlia Oliveira-Formosinho (2008) observar a criança, ouvir a sua voz, sondar as suas intenções para incorporá-la no processo educativo, é decisivo para o processo de conquista da sua autonomia.

Para finalizar o bloco 2, na categoria importância do diálogo, é referido por duas das educadoras que através desse mesmo processo é possível identificar as dificuldades das crianças, (E2) “é muito

importante, porque como é que eu sei se elas estão a perceber se não me disserem...”, (E3) “Acho que é muito importante dar voz às crianças, perceber o que elas já sabem...”. Para além do diálogo auxiliar o educador a ter uma visão mais pormenorizada à cerca da criança também potencia o desenvolvimento de competências comunicacionais, sendo que o diálogo entre o educador e a criança possibilita a compreensão do nível de desenvolvimento da criança, pois "O feedback permanente entre a criança e o adulto é que dá, o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra.” (E4), contribuindo para aprendizagens significativas. A resposta de uma das participantes vai ao encontro da autora estudada, escutar a voz das crianças para conhecer as suas interpretações, mostrar às crianças que elas são competentes para descreverem e interpretar o que se passa nos contextos educacionais e que essa competência é muito importante para a sua educação escolar e cívica. (Oliveira-Formosinho 2008)

No que diz respeito ao terceiro bloco “métodos de planeamento”, “categoria diálogo”, dois dos sujeitos consideram que para promover o mesmo é necessário “o reconto da história...” e um processo de autoavaliação por parte das crianças “no fundo aquela parte de autoavaliação que nós fazemos com eles, para sabermos se eles estão a apropriar-se daquele processo, essa parte do diálogo é fundamental, é uma constante que deve ser uma presença contínua” (E3). Gronlund e Engel (2001), chama a atenção para o facto de as escolhas das crianças serem um importante meio para o educador aprender mais acerca das características únicas das crianças. Para planear o processo de diálogo os quatro entrevistados referem a necessidade de valorizarem os interesses e as opiniões das crianças “A opinião deles é importante, desde a organização do espaço, aos projetos a serem desenvolvidos.” (E4), tendo o educador de se "... adaptar à “euforia” e interesse da criança.” (E2), surgindo, assim de uma "interação normal do dia-a-dia...” (E3), onde o profissional procura “...introduzir coisas novas, que possam também desafiá-los para outras perspetivas.” (E3). Oliveria-Formosinho e Kishimoto, (2002), defendem a ideia de que a criança tem o direito de participar na sua educação e ter direito à voz relativamente às questões que lhes dizem respeito, reforçando a ideia de que a estimulação do diálogo surge de forma natural, a educadora refere “os meus objetivos estão no dia-a-dia, na minha cabeça, nas minhas atitudes e isto acontece, porque eu estimulo, com histórias, conversando...” (E1). Ainda assim, a Educadora 4 comunica que as suas planificações “... tinham a intencionalidade de cada dia haver um tema e em cada tema, haver o diálogo, obrigatoriamente uma história por dia e obrigatoriamente uma canção por dia.” (E4). Apresentado uma ideia idêntica à anterior, a educadora 1 refere "planifico as histórias, planifico a conversa de grupo, individual, as canções, os poemas, contruo muitas vezes com eles uma poesia pequenina, lengas-lengas, trava-línguas...” (E1). Deste modo, considero que as entrevistadas sejam a favor da promoção do diálogo através de conversas mais livres que podem surgir através de acontecimentos do quotidiano, como, também, acham

benéfico partir de atividades mais orientadas. “A tomada de consciência das estratégias de aprendizagem é crucial também para o processo de transferência de conhecimentos nas aprendizagens futuras” Bereiter e Scardamalia, 1983).

No que concerne à categoria "valorização do diálogo na ação educativa" ambas as entrevistadas consideram que o processo favorece a linguagem “são todas as formas de estimular a linguagem e formas de os fazer falar e de nos fazer falar.” (E1), e que é através dele que se delinea o dia, avalia as tarefas implementadas e se planifica o dia seguinte “o diálogo é o privilégio de cada um dos dias da educação pré-escolar, começamos em diálogo, avaliamos em diálogo e fechamos o dia com perspectivas para o dia seguinte.” (4). Estes exemplos permitem à criança penetrar no seu próprio mundo

No que diz respeito à categoria "Estratégias para promover o diálogo e a escuta", as educadoras referem a importância da conversa em diferentes dinâmicas "conversar, motivá-los à expressão, motivar a conversa entre pares." (E1), “criar momentos de diálogo individual ou em conjunto, registar, documentar e desenvolver projetos á volta das coisas.” (E3). Estas questões permitem à criança penetrar no seu próprio mundo, é o diálogo reflexivo que o educador estabelece com a criança e que permite à criança pensar sobre o seu trabalho e compreender o seu processo de aprendizagem (Oliveira-Formosinho (2008). É determinante, aos olhos da educadora 1, "criar momentos de diálogo individual ou em conjunto, registar, documentar e desenvolver projetos à volta das coisas.” (E1). Para além das conversas, a Educadora 2 explica a importância das canções, da interação do adulto nas áreas de desenvolvimento e das histórias “conversas, canções, histórias, casinha das bonecas em que eles acabam por interagir uns com os outros e ter conversas com os pares.” (E2). “A igualdade de oportunidades educativas não passa pela mera obtenção de um lugar na escola. Requer estratégias de construção do sucesso, para isso, tem que empurrar pota fora o currículo uniforme pronto-a-vestir de tamanho único e criar diversificação de oportunidades de aprendizagem (Formosinho,2008:55)

A sensibilidade do educador também é importante, pois devem estar atentos às características individuais das crianças: "Temos que ir estando atentas o que funciona com um pode não funcionar com outro. " (E2). O conhecimento do professor relativamente ao grupo, possibilita-o identificar a sua personalidade, sendo benéfico na perspectiva de uma das educadoras “Quando estamos no grande grupo é sempre fundamental começar por alguém que não é o mais tímido, para estimular os outros.” (E4). Para além disso, é vantajoso transmitir confiança nas crianças para que elas apresentem motivação para falar "Temos que transmitir às crianças segurança para eles se sentirem mais à vontade para fazerem e perceberem que todos erramos e que não há problema.” (E2). As interações adulto-criança(s) são uma importante dimensão da pedagogia, é que as relações e interações são o meio central de concretização de uma pedagogia participativa (Oliveira-Formosinho (2007)

Outra das estratégias referida é a possibilidade de atribuírem responsabilidade ao grupo, dando-lhes a possibilidade de organizar o ambiente educativo "eles têm oportunidade de escolher as atividades em função da organização do espaço e dos materiais aí a opinião deles é tida em conta..." (E3). A planificação cria um momento em que as crianças têm direito de se escutar a si próprias para definirem as suas intenções e para escutarem as intenções dos outros, a criança que escuta, cria hábitos de fingir intencionalidades propósito e de tomar decisões. Oliveira-Formosinho (2008)

Na última categoria do bloco "Motivar para a comunicação oral", uma das entrevistas refere a necessidade de cativar o grupo "o estimular, o acarinhar, o fornecer material, e criar cumplicidade se nós criarmos cumplicidade com o grupo..." (E1), sendo que outra comunica a importância de as crianças falarem sobre aquilo que observam, bem como acerca dos seus trabalhos (E3) "através de conversas, das produções deles, dos trabalhos que fazem, de coisas que estão expostas na sala" Na pedagogia-em-Participação propõe-se que, contexto educativo que promove a participação das crianças e a problematização dos temas, atividades e projetos, nasçam da mesma dinâmica motivacional e ganhem uma intencionalidade para e na ação (Oliveira-Formosinho (2008) " A pedagogia-em-Participação coloca a documentação no centro do processo de aprendizagem, pois documentar permite descrever, interpretar, narrar a experiência, significá-la e (re)significá-la (Azevedo,2009).

No último bloco, "Exemplos práticos de momentos de promoção da escuta e do diálogo", três das entrevistadas referem que as histórias promovem o sucesso da aprendizagem "...a história redonda, estimula imenso a linguagem e o pensamento crítico." (E1), "nas histórias, poesias, lengalengas, as crianças recontarem a história."(E2), "a partir dos livros..."(E3). Para além das histórias, referem ainda as "atividades a partir da natureza..."(E3), o jogo, quer simbólico, quer jogado, para fomentar a conversa com as crianças... é excelente para promover a participação sem juízo de valor na questão da linguagem." (E4). A educadora 3 explica que "Todas as atividades fazem sentido, os portefólios, a documentação pedagógica ..." (E3), dando um exemplo concreto de uma situação em que "no recreio e acontece muitas vezes e encontram caracóis e a partir daí falamos sobre o que podemos fazer, o que pesquisar e podemos ir fazer matemática com os caracóis, e cantar a canção do caracol..."(E3). Como refere o autor estudado que diz que as narrativas das crianças, são um modo de pensarem acerca da vida, do apreender, do eu, dos outros, das relações, a documentação é central para estes processos (Azevedo,2009). A documentação pedagógica instiga a comunicação, a partilha, a narrativa, quando parte das realizações das crianças.

Relativamente à categoria "Dificuldades no processo de escuta e no diálogo", duas das educadoras referem que as mudanças na sociedade são, de alguma forma prejudiciais para estes

processos, pois “o acesso às novas tecnologias, a sociedade exige que as crianças aprendam muito depressa e isso é um obstáculo.” (E1).

O perfil do educador é outro dos aspetos que podem prejudicar, uma vez que” ...é difícil saber escutar, não é só estar com o ouvido à escuta, é mesmo escutar interiormente, com os olhos, com as emoções, escutar com as palavras, com as reações, é o mais importante.” (E1). Assim, para além de ser determinante um educador saber escutar, a educadora 4 considera que também seja necessário revelar uma postura compreensiva de forma a incentivar o grupo a comunicar “se eu fosse uma educadora carrancuda e estivesse sempre a ralar e eles viessem falar comigo e eu dissesse, agora não posso, acho que isso seria um obstáculo.” (E2). De acordo com as Orientações Curriculares para a educação Pré-Escolar (2016) cabe ao educador disponibilizar material que promova o desenvolvimento da linguagem em diferentes espaços da sala, contar histórias, promover conversas sobre as mesmas e criarem oportunidades para as crianças contarem ou criarem as suas próprias histórias. O educador deve também promover, no quotidiano oportunidades de comunicação, incentivar cada criança a expor as suas ideias, dando-lhe sempre suporte para o fazer de modo cada vez mais elaborado, considerando sempre as especificidades de cada criança.

A dimensão do grupo, segundo a educadora 3, pode ser outro dos fatores a impedir um adequado processo de escuta e diálogo, “a dimensão do grupo nem sempre facilita.” (E3)

Por fim, uma das entrevistadas explica que as condições do espaço também podem influenciar o diálogo e a escuta, tendo de haver uma adequação das estratégias, “as condições de espaço nem sempre são as melhores e tem que se ir encontrando estratégias.” (E3). Assim sendo, e frisando mais uma vez, a organização do tempo e do espaço deve ter em conta o bem-estar da criança e as aprendizagens, respeitando os ritmos, a organização dos grupos, tanto a escuta como a observação devem ser processos contínuos no quotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento sobre as crianças, seus interesses, suas motivações, intenções, desejos, realizada no contexto da comunidade educativa, procurando uma ética de reciprocidade. Oliveira-Formosinho (2007).

Reflexão Final

Relativamente ao meu percurso de estágio na valência de creche, em relação à integração na instituição gostei de sentir o apoio da educadora e a sua disponibilidade, notei que a educadora tem prazer em nos envolver nas atividades e na relação com os pais, nos primeiros dias fez questão de nos apresentar aos pais e explicar que eramos estagiárias e que íamos estar com os filhos deles durante estas semanas, senti também o carinho e a simpatia dos pais.

A educadora não colocava entraves nas minhas participações quer na muda da fralda, na ida à sanita, na hora de ajudar a adormecer alguma criança e até nas refeições, deixava-me atuar e ganhar

experiência. A educadora logo de início deu-me também oportunidade de gerir o grupo de manhã, na hora do tapete ficando nós responsáveis pela canção do bom dia e depois em algumas atividades. Foi bastante interessante passar por este processo porque aqui vê-se as diferentes reações das crianças em relação às suas habilidades e capacidades, as mais velhas já conseguiam esticar o dedo para colocar a tinta na folha e estavam atentas e interessadas ao que se estava a passar, enquanto algumas mais novas não quiseram fazer porque não gostam da sensação da tinta nas mãos.

Em alguns momentos de observação tive o privilégio de assistir a brincadeiras das crianças muito engraçadas, num dos episódios a M.GR oferecia ao Ti chá, café ou água fingindo que estavam no café.

Num outro episódio 3 crianças juntaram-se num canto da sala e começaram a bater com os pratos da cozinha de brincar no chão, ao aperceberem-se que estavam a criar sons com aquele objeto começaram a cantar todos iguais, fazendo simplesmente “uhmm uhmm” com a boca.

Existem também outros momentos em que é visível a rotina da sala bem marcada, todo o grupo, incluindo os mais novos sabem que depois de cantarem o (bom dia), vão comer pão, sabem também que quando é para beber água têm que se sentar no tapete.

A função do adulto é proporcionar à criança um ambiente acolhedor, seguro e desafiador na medida certa. (M.Montessori, 1984)

Acho que o meu envolvimento com as crianças foi positivo senti facilidade em me integrar e interagir com todas as crianças no geral apesar de haver uma ou duas que nos primeiros dias não deu tanta confiança.

As crianças gostavam de me chamar para as brincadeiras, para ler histórias e pediam-me para cantar, muitas das músicas eu percebi que não conhecia então tive que alargar o meu repertório, pesquisando as músicas que eles estão habituados a cantar com a educadora.

Nos primeiros dias, existiam momentos em que eu não sabia se haveria de intervir ou não, porque a educadora poderia não gostar, mas com o tempo fui-me apercebendo que ela apreciava quando eu de forma autónoma ia mudar uma fralda ou levava uma criança à casa de banho.

Em relação às primeiras planificações senti alguma dificuldade porque o tema foi restrito ao Natal e também ao gosto da educadora, achei que se baseia muito em atividades de expressão plástica, entre as quais postais de Natal, prendinhas de Natal, anjinhos de Natal.

Eu e a minha colega de estágio decidimos construir uma árvore de Natal didática que para além de ser decorada e pintada pelas crianças, no fim vai ter uma intencionalidade pedagógica dentro da parte expressão física- motora onde as crianças tinham que tentar encetar com bolas dentro dos buracos da árvore de natal.

Este estágio deu-me oportunidade de criar um perfil de educador mais seguro para o futuro.

Em relação ao grupo de crianças tive oportunidade de apenas em seis semanas ver a evolução destas crianças, principalmente porque tivemos duas semanas de interrupção letiva do Natal e quando regressámos duas crianças que ainda não tinham adquirido a marcha, quando regressamos elas já andavam sozinhas, até mesmo algumas crianças notaram-se o desenvolvimento na fala, em duas semanas foi interessante ver a quantidade de palavras novas que estas crianças adquiriram.

A nível das rotinas, na hora da higiene também pude assistir a evoluções, uma das crianças estava na transição de deixar a fralda à hora da sesta e as mais novinhas começaram algumas a ir ao bacio, foi interessante experienciar estas diferentes evoluções e diferentes momentos visto que esta sala era uma sala heterogénea. E também foi muito entusiasmante ver que conseguimos contribuir de algum modo para estas evoluções, que no incentivo de as crianças irem ao bacio ou à sanita, quer na ajuda em exercitar a marcha às crianças que ainda não andavam, também na hora das refeições aprendi que é muito importante incentivar as crianças a usarem a colher, o que as torna mais autónomas e é interessante assistir a essa mesma autonomia em que assisti algumas vezes queria ajudar a por a colher na boca e as próprias crianças já não aceitavam a ajuda porque queriam comer sozinhas.

Relativamente às minhas semanas de intervenção, sinto que fui evoluindo em alguns aspetos, na primeira semana senti dificuldade em construir os objetivos apesar de já ter o projeto mais ou menos definido, mas depois adaptá-lo em atividades era mais difícil e fazer com que elas resultassem em todas as idades de um a três anos, mas fui sempre conversando com a educadora principalmente na hora da sesta era quando nós tínhamos mais tempo para conversar, trocar opiniões e no meu caso algumas dúvidas. A educadora ajudou-me sempre na construção dos meus objetivos e a defini-los consoante o que as crianças necessitavam ou já eram capazes de fazer, tentando sempre aprofundar os seus conhecimentos.

Fui percebendo que à medida que fui realizando planificações iam ficando mais completas e ia percebendo melhor o sentido de as desenvolver.

Uma das principais aprendizagens que tive e que mais me marcou foi perceber que quando se planifica um dia, não é só o momento da atividade, mas tudo o resto do dia, desde o acolhimento até as crianças irem para casa, em todos os momentos do dia podemos incluir a nossa intenção daquela atividade, em momentos de higiene, à hora de almoço e nos tempos mortos.

Por exemplo ao final do dia, voltar a lembrar as crianças da atividade, questionando-as se elas gostaram, dando assim oportunidade também às crianças de se exprimirem e ao mesmo tempo ajudarem-me a avaliar as atividades realizadas e planificadas por mim.

Tentei sempre que as minhas atividades fossem ao encontro do projeto pensado por mim e pela minha colega de estágio, aprender descobrindo, utilizando os cinco sentidos.

O principal objetivo era proporcionar às crianças sensações e oportunidade de lhes dar momentos de brincadeiras enriquecedoras e que lhe despertassem curiosidade e despertando-lhes o interesse em explorar e descobrir.

Piaget afirma que as crianças nesta faixa etária aprendem através dos sentidos, onde recolhem informações acerca do que as rodeia, assim tentei dar sempre oportunidade de experienciar sensações, auditivas, táteis, visuais, olfativas e gustativas,

Realizei assim quatro atividades tentando englobar o máximo de sensações em cada uma delas.

No geral a avaliação das minhas intervenções são positivas, não sendo fechadas porque nem sempre aconteceram conforme eu planejei, o que é normal porque vão sempre surgindo comentários por parte das crianças e perguntas e outras vezes surgia uma canção diferente ou perguntas da minha parte diferente dependendo da receptividade das crianças.

Tentei sempre promover a descoberta e despertar a curiosidade das crianças, promovendo sempre a sua autonomia quer nas atividades orientadas, quer em todos os momentos da rotina.

Na hora da higiene incentivava sempre os mais velhos a puxarem eles a roupa, e antes e depois da sesta a descalçar e calçar, na hora das refeições tentava sempre incentivar os mais novos que ainda não comiam sozinhos a agarrar na colher, dando eu o exemplo e mostrando como se fazia.

No fundo o mais importante na creche é assegurar as necessidades básicas das crianças e dar-lhes a máxima atenção e carinho porque são crianças ainda muito pequenas que precisam de todos esses momentos de atenção.

Ao longo do estágio em contexto Creche tive oportunidade de vivenciar vários momentos, o que me proporcionou grandes aprendizagens, porque a observar a educadora a atuar estamos a aprender estratégias. Outras dúvidas tive oportunidade de as esclarecer questionado e questões relacionadas com a pedagogia. Porque as crianças são todas diferentes cada uma com as suas características e nem todas aprendem da mesma maneira.

Uma das situações que eu mais gostei de observar era a preocupação que a educadora tinha em comunicar com os pais, tentava comunicar tudo aos pais, se ela tivesse naquele dia notado alguma coisa diferente na criança ela ligava logo aos pais ou informava quando eles iam buscar as crianças.

Até os próprios pais contavam com a ajuda da educadora e pediam opiniões de como fazerem em casa, por exemplo na introdução de algum novo alimento ou de algum episódio que se tivesse passado em casa, os próprios pais também gostavam de partilhas certos episódios e novas conquistas dos filhos à educadora.

Outra das aprendizagens que me marcaram foi a preocupação que a educadora tinha em respeitar o tempo de cada criança, se a criança de manhã sentia que ainda não queria ir guardar a

chucha ou não queria largar o seu paninho/fralda, a educadora respeitava esse momento e deixava as crianças ficarem com os objetos que traziam de casa.

Gostei muito de observar a forma calma como a educadora interagia com as crianças porque nem sempre é o que se assistiu infelizmente. Até as horas das refeições a calma que a educadora transparecia para as crianças também as deixava mais descontraídas e assim elas próprias acabavam por comer bastante melhor, porque também lhes era passada essa tranquilidade.

Este estágio foi muito importante e serviu para ajudar a construir o meu perfil enquanto futura educadora e fez-me perceber quais as situações que eu gostaria de replicar no futuro e se possível ser ainda melhor.

Em relação ao estágio em contexto de Jardim de Infância, este, sofreu algumas alterações comparando com o estágio em creche, visto que no de creche, tive duas semanas de observação e de seguida execução do projeto.

Este estágio, foi diferente em relação ao período a que se reportou e foi dividido também em duas etapas, a primeira foi de observação e construção de um projeto que depois teve continuidade e foi implementado numa segunda fase.

O facto de o tempo de observação ter sido maior, contribuiu para um conhecimento mais profundo das crianças ao nível das suas características e interesses, bem como as suas dificuldades, o facto de ter tido mais tempo de observação foi uma mais-valia, no sentido da aprendizagem que efetuei ao presenciar a prática da educadora. Apesar de ainda não ter intervindo tenho aprendido muito com esta educadora, desde a forma como ela consegue chegar a todas as crianças ao mesmo tempo, apesar de ser uma sala com idades distintas.

Acho que concretizei o principal objetivo da primeira fase ao construir um projeto não só para as crianças, mas com as crianças. Ganhei muito enriquecimento com a participação delas na construção do projeto.

Em relação à execução do projeto, este foi um projeto criado para abordar todas as áreas de conteúdo, mas por todas as razões referidas em cima e principalmente por corresponder aos interesses das crianças este é um projeto que dá maior ênfase à área do conhecimento do mundo, não descurando as outras áreas, tendo em conta que todas se articulam e complementam, a área de Formação Pessoal e Social, que é considerada uma área transversal, porque, embora tenha uma intencionalidade e conteúdos próprios, está presente em todo o trabalho educativo realizado no jardim de infância.

Ao nível das minhas competências em primeiro lugar consegui uma boa relação com as crianças de confiança e partilha, um dos aspetos que mais destaque, é o interesse que eu tenho em ouvir as crianças e as suas opiniões, dando-lhes a sua devida importância e relevo, tentando encaixar sempre que possível todas as suas dúvidas e interesses nas atividades, sempre que surgisse algo novo, eu

seguia esse caminho, como aconteceu em várias situações como por exemplo, numa semana em que o tema era a luz e as sombras, uma das crianças encontrou no recreio um ninho de pássaro, então focamo-nos nesse interesse por uma nova descoberta, e colocamos as sombras para o dia seguinte.

Outro exemplo era o cuidado que eu tinha em que as crianças tomassem decisões, por exemplo na situação do embrulho para a lembrança do Natal, que tinha sido elaborada com a minha colega, em vez de ser eu e a educadora a escolher como iríamos fazer o embrulho com as crianças, foram elas que escolheram a técnica, entre várias opções que eu levei, porque estas escolhas podem e devem ser orientadas pela educadora ou neste caso estagiária para ajudá-las nas hipóteses.

Sem dúvida o mais difícil foi conseguir gerir o tempo com o grupo nas atividades e conseguir de entre tantas ideias de propostas, escolher apenas as que mais se enquadravam naquela situação ou naquela semana, visto que muitas vezes eu queria levar mais atividades, mas o tempo nem sempre o permitia, então nem sempre foi fácil optar pela melhor decisão. Nunca esquecendo que as crianças davam também as suas opiniões e a maioria das vezes surgiam novas atividades completamente diferentes do que eu tinha planeado, devido às suas reações perante alguma atividade, que lhes despertaram maior interesse e acabávamo-nos por prolongar mais naquela atividade e no final acabávamos por não ter tempo de fazer as restantes, o que não signifique que seja algo negativo, quer dizer que aquela atividade era apelativa.

Um dos aspetos que mais me suscitaram questões, foi na hora de almoço, deparei-me com uma realidade em que várias crianças das mais velhas tinham bastantes dificuldades para comer, precisamente aqui neste grupo as crianças de três e quatro anos comiam toda melhor na generalidade que as crianças mais velhas, existindo 3 casos bastante complicados de raparigas que simplesmente nem comiam a sopa. Depois de várias questões e conversas com a educadora, tive liberdade de aplicar a técnica que eu melhor arranjassem no sentido em conseguir com que elas comessem.

Na maioria das vezes consegui, sendo que mesmo assim havia um dia ou outro que algumas delas não comiam. Uma outra situação que eu gostaria de aprofundar mais e estudar é na situação das birras e o tentar compreender por exemplo junto dos pais, o porquê de algumas atitudes das crianças, e percebi que por vezes quando a educadora conversava com os pais, depois conseguia perceber o motivo de algumas situações que aconteciam durante o dia com a criança, ou uma birra, ou uma teimosia onde a criança não obedecia ao normal funcionamento das atividades ou rotinas.

Outra situação que notei foi que as crianças não tinham muito bem definida a rotina diária na parte da manhã até às atividades, ou seja, na parte das marcações das presenças, logo no início do estágio, na primeira semana eu perguntei à educadora, se não haveria um mapa de presenças e de tempo para as crianças ganharem essa rotina diária, todas as manhãs, a educadora disse que seria uma possibilidade mas que ainda estava a decidir como este ano haveria de ser feito por causa das questões

de normas do Covid-19, então em conjunto decidimos fazer algo que fosse individual de cada criança para elas não terem que andar todas a mexer na mesma caneta, sendo assim construímos uma tabela onde cada criança marcava o tempo, sentada no seu lugar, e cada uma tinha a sua própria tabela do tempo, em relação às presenças, o chefe do grupo verificava se faltava alguém colega e o adulto marava um F de falta na tabela da criança em questão.

Penso que a minha maior fragilidade era por vezes no fim da canção do bom dia e da marcação do tempo para depois dar início às atividades, as crianças dispersavam muito nesta mudança, e este grupo tinha várias crianças com três anos que muitas vezes era difícil cativa-las a quererem participar nas atividades, porque queriam ir brincar e muitas vezes não percebiam o porquê de não poderem ir brincar naquela altura e que existia uma rotina normal, onde de manhã ouviam por norma uma história, para introduzir o tema e por sua vez a realização da atividade. Para o fim os mais pequeninos começaram a perceber a rotina então muitas das vezes queriam fazer atividade proposta muito rápido porque sabiam que de seguida já poderiam ir brincar para as áreas.

Em relação a este tema da escolha das áreas, foi muito interessante ver que no geral todo o grupo tinha vários interesses, que num dia gostavam de ir para a casinha e que no dia seguinte queriam ir para os legos, não se repetiam sempre nas mesmas áreas, incluindo as meninas tanto iam para a garagem como também iam para as construções e os meninos muitas vezes iam para a casinha, brincar a passar a ferro e a tomar conta dos bebés e a cozinhar.

Tive especial prazer nos momentos em grande grupo, quando consegui conversar com as crianças ouvir os seus interesses, histórias que traziam do fim-de-semana, estas crianças eram muito participativas e gostavam muito de falar, de explicar várias situações, então sempre que contruíamos algum cartaz ou fazíamos algum registo de experiência ou observação de algo, eu pedia sempre a duas ou três crianças para fazerem uma breve apresentação onde explicavam ao resto do grupo o que tinham feito e como, incluindo a explicação dos materiais utilizados e era muito giro ver as crianças a reproduzirem a forma dos adultos agirem, tentando imitar.

Centrando-me agora na operacionalização do projeto, assim como na minha ação para a execução do mesmo, considero que houve uma grande tentativa tanto da minha parte como da Márcia em não nos restringirmos apenas à área das ciências, mesmo sendo esse o nosso principal foco, ou seja, procurámos ao máximo abordar as diferentes áreas de conteúdo recorrendo a atividades diversificadas de modo a proporcionarmos experiências variadas ao grupo.

A realização das planificações ajudou-me bastante, pois constituiu-se um guião para toda a minha prática, dando-me algum suporte e organização na forma como implementava as atividades. Considero que ao planificar tive em conta as exigências das atividades e a complexidade das mesmas, no entanto deveria ter previsto melhor o tempo, como já mencionei anteriormente. Como este grupo

era um grupo com várias faixas etárias, tive o cuidado de fazer atividades que se enquadrassem para todo o grupo, não esquecendo situações em que o grupo de cinco anos precisava de mais atenção na área dos números e da escrita, sendo assim muitas vezes na hora da brincadeira livre iam chamando duas ou três crianças para virem ter comigo à sala onde desenvolvíamos várias fichas de contorno, de modo a iniciar a escrita e várias atividades de matemática, para as crianças se familiarizarem-se com os números, porque existiam algumas crianças com cinco anos que ainda não conheciam os números.

Ainda nas atividades nem todas conseguiam ser feitas em grande grupo, então optei por fazer pequenos grupos para poder dar a devida atenção a cada criança, enquanto isso as restantes brincavam no recreio ou nas áreas.

Tendo em conta os procedimentos desejáveis para este tipo de atividades compreendi que a melhor opção seria realizar as atividades em pequeno grupo, sendo uma mais-valia para facilitar a aprendizagem, o desenvolvimento conceitual e linguístico, quer as considerações como as perspetivas das crianças. Neste contexto, a distribuição das crianças pelos grupos foi feita de modo assegurar um tipo de trabalho colaborativo, ou seja, tentei agrupar crianças de diferentes níveis de competências de modo a completarem-se.

Relativamente à minha imposição na altura das atividades, visto que era eu que estava com as crianças naquele momento e nas semanas de intervenção tanto eu como a minha colega éramos as responsáveis naquela semana de gerir o grupo, desde o momento em que chegávamos até irmos embora, ou seja, na minha semana de implementação eu era a educadora, não só nos momentos de atividades, mas durante todo o dia, eu é que geria o tempo, eu é que decidia quem ficava nas atividades e quem ia para as áreas, obviamente que aqui dava sempre oportunidade às crianças de escolherem qual a área que queriam, sendo que por vezes tinha que gerir conflitos quando queriam todas ir para o mesmo. Ao início tinha algum receio em mostrar a minha imposição ou em ter de chamar a atenção alguma criança visto que era estagiária, mas a educadora colocou-me à vontade, tanto a mim como a Márcia referindo mais uma vez que na nossa semana nós erámos as responsáveis pelo grupo, em tudo.

Acho que neste sentido foi uma mais-valia para a minha aprendizagem enquanto futura educadora, ter tido esta experiência de responsabilidade sozinha.

Penso que o ponto forte da minha intervenção foi o facto de me conseguir relacionar tão bem com toda a comunidade educativa, destacando claramente a ligação que criei com as crianças, na medida em que brincava muito com elas, divertia-as e conseguia cativar a sua atenção e interesse nas minhas atividades, tanto orientadas como de caráter livre.

Em suma considero que com esta experiência tenha adquirido novas aprendizagens, que por sua vez, me ajudaram a crescer tanto a nível pessoal como profissional.

Com esta prática comecei a valorizar e a considerar mais o meio social e cultural na minha ação educativa. Acabei por confrontada com dificuldades e inseguranças tendo-me levado a tornar a minha prática mais reflexiva.

O trabalho com um grupo tão desafiante e tão diverso fez com que conseguisse compreender a importância da diversidade das crianças para o enriquecimento do ambiente educativo e para todo o processo de aprendizagem.

A existência de uma boa relação entre toda a comunidade educativa e a existência de boas práticas de comunicação, foi uma mais-valia para me sentir mais à vontade e confiante durante todo o processo.

No que concerne ao tema da minha investigação, este emergiu com o decorrer dos diferentes estágios. Ao contactar com diferentes situações problemáticas senti a necessidade de aprofundar o meu conhecimento acerca da valorização da voz das crianças para o seu desenvolvimento global e educativo.

Com a concretização das entrevistas às profissionais de educação e com a confrontação entre os dados recolhidos e as ideias defendidas pelos autores estudados, consegui atingir a maioria dos objetivos definidos no presente estudo.

No que diz respeito aos dois primeiros objetivos, conhecer a conceção dos Educadores sobre processos de escuta e de diálogo e saber qual a sua opinião sobre a importância de dar voz às crianças para o seu sucesso educativo, pude constatar que os participantes desenvolvem estes princípios na sua prática profissional, e assumem esse papel, principalmente com um dos participantes em questão, porque o presenciei durante a formação da minha prática enquanto estagiária e futura profissional, mais uma vez cruzando com a minha experiência de estágio, posso afirmar que nos dois contextos senti e presencie por parte das educadoras, o interesse em ouvir realmente as opiniões das crianças e em estarem atentas ao que estas têm transmitir nas mais diversas formas de comunicação, para assim, conseguirem conhecer o máximo cada criança e poderem desenvolver um projeto que vá de encontro ao seus interesses e que consiga desenvolver a criança ao máximo ao nível dos seus conhecimentos e experiências.

Relativamente aos seguintes objetivos que se centram nos métodos de planeamento para o processo de escuta e do diálogo e nas práticas educativas favorecedoras do processo de escuta e do diálogo, pude observar e assistir a muitos desses métodos nos estágios que realizei e principalmente tive a oportunidade de pô-los em prática, no último projeto que desenvolvi em contexto de Jardim-de-Infância, desde proporcionar às crianças, leituras de histórias, canções, lengalengas, desde incentivá-los para o diálogo, em momentos que estava sozinha com cada criança até aos momentos

de grande grupo, aproveitando os momentos de avaliação no final das atividades, tudo isto são processos que motivam para o diálogo e desenvolvimento da linguagem.

Relativamente aos últimos objetivos do estudo, descrever questões facilitadoras para a prática, vai ao encontro de aquilo que é referido nos exemplos da prática, onde pôr em prática, dinâmicas de grupo, canções, pôr as crianças a contar uma história, construir um teatro em conjunto, promover as conversas na casinha das bonecas, nos momentos do jogo, no recreio tudo isto são processos que fazem parte do quotidiano das crianças e que são muito importantes para o desenvolvimento desta temática.

Com a realização deste estudo consegui instruir-me mais acerca da importância de ouvir as crianças e penso ter adquirido conhecimentos muito úteis para a minha ação educativa, encontrando-me mais consciente de todos estes processos e conceções relativas à escuta e ao diálogo. Estes conhecimentos vão me permitir ter uma maior sensibilidade no quotidiano educativo, o meu maior desafio vai ser conseguir por todos estes métodos em prática sem deixar algo por realizar, mas acredito que com a prática e o tempo consiga chegar a todos os objetivos.

Com a realização deste estudo consegui instruir-me acerca de vários processos de escuta, ao ouvir a criança consigo perceber se ela está bem, consigo perceber quais as suas necessidades, a nível de aprendizagens, escutando a criança tenho a perceção do que ela já adquiriu ou não e isto pode ser feito em grande grupo em individualmente, mas todos os momentos são oportunos para fazermos esta escuta ativa.

Ao escutar a criança, estou a estimular a sua linguagem ao mesmo tempo. A escuta tem que ser alimentada, não se faz sozinha, sem escuta não há diálogo e sem diálogo não existe escuta, este processo é bilateral, não se faz sozinho, para comunicar tem que existir um remetente da mensagem.

No meu ponto de vista é fundamental existir uma boa preparação de espaço de sala para poder proporcionar estes métodos, tendo consciência que estes processos são demorados e não se fazem de um dia para o outro, em primeiro lugar na minha opinião só depois de conhecer o grupo é que consigo organizar o espaço e os materiais para permitir uma boa fluência no dia-a-dia e para que estes processos aconteçam naturalmente e façam parte do meu trabalho diário.

Escutar e permitir que as crianças se envolvam nos projetos é algo que tem que ser feito todos os dias, faz parte de um bom funcionamento de um grupo e é o que todo o profissional deveria fazer.

Em forma de concluir penso que este estudo tenha ajudado na reformulação de alguns dos princípios que regem a minha prática pedagógica, acabando por ganhar uma maior noção da necessidade de um profissional de educação trabalhar, esta sensibilidade e atenção para com as crianças, acho que neste caso, os valores enquanto ser humano têm que estar muito presentes, o que é ser um bom educador, qual é realmente o papel de um educador de infância.

Na eventualidade de aprofundar o estudo, penso que fosse interessante realizar investigação na perspetiva da criança procurando perceber como é que as crianças, procurando saber quais as suas conceções à cerca destas na participação ativa de tudo o que engloba uma vivência feliz no jardim-de-Infância

Referências

Azevedo, A. (2009). Revelando a aprendizagem das crianças: a documentação pedagógica. Tese de Mestrado em Educação de Infância. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Bardin, L., 1977. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Ed. 70

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994) *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

Boyden, J., Ennew, J. (1997). *Children in focus: a manual for participatory research with children*. Stockholm: Radda Barnen.

Dahlberg, G.; Moss, P. e Pence, A. (1999) *Qualidade na educação da primeira infância. Perspectivas pós-modernas*. São Paulo: Artmed.

Fisher, S. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos: Comité Português para a UNICEF Edição revista*.

Fonseca, J. (2013). *Contributos da Investigação-ação no desenvolvimento profissional: um percurso de inovação*. In Estrela, Teresa et al. *Formação Profissional: Investigação Educacional sobre teorias, políticas e práticas*. Lisboa: EDUCA/Secção Portuguesa da AFIRSE.

Graue, E.; Walsh, D. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

Hart, R. (1992). *Children's participation: from tokenism to citizenship*. Florence: UNICEF

Henriques, H. e Marchão, A. (2016) *Educação para a igualdade de género: leituras a partir da realidade de cinco jardins de infância do distrito de Portalegre, Portugal*. *Foro de Educación*, 14 (20). Recuperado em 5 de janeiro de 2017 de doi: <http://dx.doi.org/10.14516/fde.2016.014.020.017>, pp. 339-360.

James, A.; Jenks, C.; Prout, A. *Theorising childhood*. Cambridge: Polity, 1998.

Kinney, L.; Wharton, P. *Tornando visível a aprendizagem das crianças*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Luke, Menga e André, Marli E. D. A. de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. Editora pedagógica e universitária. São Paulo. 1986.

Mauthner, M. (1997). Methodological aspects of collecting data from children: lessons from three research projects . Children&Society.

Máximo-Esteves, L. (2008) Visão Panorâmica da Investigação-Ação. Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J. (2007) Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma praxis de participação. Em J. Oliveira-Formosinho, T. Kishimoto e M. Pinazza Pedagogia(s) da Infância. Dialogando com o passado. Construindo o futuro (pp. 13-36). São Paulo: Artmed.

Oliveira-Formosinho, J. (2008) A escola vista pelas crianças. Porto: Porto Editora. Oliveira-Formosinho, J. e Araújo, S. (2008) Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. Em J. Oliveira-Formosinho (org.) A escola vista pelas crianças (pp. 11-30). Porto: Porto Editora.

Piaget, Jean. O desenvolvimento do pensamento: equilibração das estruturas cognitivas. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

Portugal, G., & Laevers, F. (2010). Avaliação em educação pré-escolar. Sistema de acompanhamento das crianças. Porto: Porto Editora.

Sarmiento, M. & Marques, J. (2006b). A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas. Interações

Sarmiento, M.J.; Cerisara, A.B. Crianças e miúdos: perspetivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

Serrano, J. (2004). Mudanças sociais e estilos de vida no desenvolvimento da criança: estudo do nível de independência de mobilidade e da atividade física nas rotinas de vida quotidiana em crianças de 8, 10 e 12 anos de idade no meio urbano. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. Tese de Doutoramento.

Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Wenger, E. (2001). Comunidades de practices: aprendizagem, significado e identidade. Barcelona, Paidós.

Zabalza, M. (2001), Didáctica da Educação Infantil, Porto, Edições ASA, 3ª edição.

Anexos

Anexo I-Planificação da atividade “Saquinhos sensoriais”

| Objetivos | Estratégias | Recursos | Avaliação |
|---|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver os 5 sentidos • Explorar diferentes materiais e texturas • Explorar sensações a partir da experimentação de movimentos • Proporcionar o estímulo | <p>De manhã, após as crianças comerem o pão e de cantarmos a canção do “bom dia” a estagiária começa por espalhar pela manta os saquinhos sensoriais previamente construídos pela mesma, para que as crianças possam explorar.</p> <p>Não é feita nenhuma explicação prévia de como utilizar o material, para que as crianças tenham a possibilidade de, ao seu ritmo e vontade usufruírem do material.</p> <p>Ao longo da exploração a estagiária irá prestar auxílio a todas as crianças, fazendo várias questões, se é mole, ou mexe ou que está la dentro e interagir com elas nesta experiência de sensações</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Sacos de plástico • Purpurinas • Gel de banho • Água • Fita cola adesiva • Ervilhas • Arroz | <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registo fotográfico • Tabela de observação |

Anexo II-Planificação da atividade “Paladar, Gostos e Sabores”

| Objetivos | Estratégias | Recursos | Avaliação |
|---|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar sabores • Degustar alimentos • Identificar alimentos pelo sabor • Sentir diferentes texturas | <p>De manhã, após as crianças comerem o pão e de cantarmos a canção do “bom dia” a estagiária utiliza a forma como as crianças estão sentadas para ouvirem uma história.</p> <p>De seguida a estagiária inicia a sua dramatização recorrendo a elementos da história, que foram previamente construídos pela mesma. No desenrolar da história vai pedindo às crianças que vão participando, por exemplo no momento de dar comer à lagarta e até perguntando se alguma criança quer por a “lagarta” no braço.</p> <p>Depois do momento da história a estagiária diz às crianças que agora é a vez delas de comerem as frutas, enquanto vai dando pedacinhos de fruta às crianças ao mesmo tempo mostra-lhes e dá-lhes para a mão frutas inteiras para terem a oportunidade de tocarem, sentirem, observarem e cheirarem a fruta.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Livro da lagarta comilona • Fantoche a lagarta • Maça lúdica • Frutas | <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta • Registo fotográfico • Tabela de observação |

Anexo III-Planificação do Projeto – Jardim de Infância

| | | | |
|--|---|---|--|
| <p>- Objetivos:</p> <p>- Conhecer o meio envolvente;</p> <p>- Apropriar-se do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las;</p> <p>- Comunicar as descobertas e o seu conhecimento utilizando diferentes tipos de linguagem (oral, escrita, matemática e diferentes linguagens artísticas);</p> <p>- Ensaiai formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar;</p> | <p>Estratégias:</p> <p>- Fazer experiências (ex: Flutua e não flutua);</p> <p>- Fazer registos das experiências; - Planificar e elaborar um jornal de parede;</p> <p>- Debates e discussões em grande grupo;</p> <p>- Participar ativamente na elaboração do projeto e da respetiva planificação;</p> <p>- Experienciar e investigar o meio envolvente através de saídas de campo para conhecer e explorar o que está à volta, bem como, para procurar plantas, insetos, pedras,</p> | <p>- Visualizar um filme sobre “Quem são os cientistas”;</p> <p>- Realizar o cartão de cientista; - Realização de uma experiência; - Sentir a areia mágica.</p> | <p>- Humanos:</p> <p>*Educadora;</p> <p>*Auxiliar da Ação Educativa;</p> <p>*Crianças;</p> <p>*Estagiárias; -</p> <p>Físicos:</p> <p>*Sala;</p> <p>*Recreio;</p> <p>- Materiais</p> |
|--|---|---|--|

| | | | |
|---|---|--|--|
| <p>- Assumir responsabilidades, tendo em conta, o seu bem-estar e o dos outros; - Aprender a planear.</p> | <p>entre outros.</p> | | |
| <p>- Formação Pessoal e Social</p> <p>- Expressão e Comunicação</p> <p>*Domínio da Educação Artística:</p> <p> *Subdomínio das Artes Visuais</p> <p> *Subdomínio da Música</p> <p> *Subdomínio da Dança</p> <p>* Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p> *Domínio da Matemática</p> <p>- Área do Conhecimento do Mundo</p> <p>- Ciências da Natureza</p> <p>*Geologia</p> <p>*Biologia</p> <p>*Zoologia</p> | <p>“<i>Vamos ser cientistas!</i>” •</p> <p><i>Através de:</i></p> <p>* Observação de diversas situações espontâneas, na hora do recreio;</p> <p>* Conversas com a Educadora Filomena; * Sessões com a professora Marta Uva.</p> <p>• <i>Fio condutor:</i></p> <p>* Potenciar o interesse que as crianças já têm pela natureza (ex: insetos e plantas);</p> <p>* Estimular o gosto pela descoberta.</p> <p>• <i>Áreas de conteúdo eixo:</i> * Conhecimento do Mundo – Ciências da Natureza; * Formação Pessoal e Social.</p> | | <p>Divulgação final do projeto: - Portefólio</p> |

| | | | |
|--|--|--|--|
| *Física e Química | <p>“A abordagem ao Conhecimento do Mundo implica também o desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros, nos cuidados consigo próprio, e a criação de hábitos de respeito (...) evidenciando-se assim a sua inter-relação com a área de Formação Pessoal e Social.” (OCEPE, 2016, P.85)</p> | | |
| <p>Atividades em grande grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ouvir histórias; - Visualizar filmes; - Realizar experiências; - Atividades de Expressão Plástica (corte, colagem e/ou pintura); - Partilhar ideias; - Saídas de campo; - Planificar e realizar o jornal de parede. | <p>Atividades em pequeno grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Podem acontecer quando apenas trabalhamos com as crianças de uma faixa etária, por exemplo. | <p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Podem acontecer, por exemplo, quando as crianças realizam a sistematização da semana, como por exemplo, um desenho ou um diálogo, no sentido, da descrição da sua aprendizagem, de modo, a valorizar as suas formas de aprender e os seus próprios progressos, com o intuito, de verificar a evolução da criança ao longo do tempo. | <ul style="list-style-type: none"> - Escalas do bem-estar e desenvolvimento; - Registo fotográfico; - Registo das descobertas (jornal de parede); - Grelhas de observação; - Registo do novo vocabulário. |

| | | | |
|---|---|--|--|
| <p>O que as crianças podem aprender</p> <ul style="list-style-type: none"> - Associar: sombras e fonte de luz; um objeto à sua sombra; a mudança de tamanho da sombra e sua distância do objeto. - Circunscrever a sombra do corpo ou de um objeto; - Criar, sombras com duas crianças ou mais (criaturas fantásticas) exemplo: com 3 braços ou duas cabeças; - Observar e experimentar trajetos de propagação da luz num tubo opaco, em comparação com a água; - Registrar as observações efetuadas e comparar as situações experimentadas; - Relacionar; - Levantar hipóteses. | <p>Estratégias a serem desenvolvidas</p> <ul style="list-style-type: none"> - No espaço exterior as crianças poderão ir à procura de sombras, quer seja com o próprio corpo ou de objetos; - Poderão explorar livremente a luz refletida nos vidros ou janelas, com CD'S, espelhos, entre outros objetos; - Na sala ou no espaço exterior as crianças irão circunscrever a sombra de um colega, com giz; - Atividade com uma caixa de sombras, a criança vai poder fazer teatros, explorar sombras com objetos, fantoches e com a própria mão. | <p>Como iniciar: os conhecimentos e as experiências de que se parte -</p> <p>Através de observações da rotina, em brincadeiras no espaço exterior, as crianças brincaram com o espelho da casinha, com a luz.</p> <p>- Numa atividade anterior, para comemorar o Halloween, as crianças quiseram por luz dentro da abóbora com velas.</p> | <p>Recursos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Humanos: <ul style="list-style-type: none"> *Educadora; *Auxiliar da Ação Educativa; *Crianças; *Estagiárias; - Físicos: <ul style="list-style-type: none"> *Sala; *Recreio; - Materiais: <ul style="list-style-type: none"> *Caixa de cartão; *CD'S; *Giz; *Lanternas; *Tecido branco; *Fantoches; *Livro "A quinta dos ventos"; *Retroprojektor. |
|---|---|--|--|

| | | | |
|--|---|--|--|
| <p>Conexões com outras matérias e saberes - Formação Pessoal e Social</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressão e Comunicação *Domínio da Educação Artística: <ul style="list-style-type: none"> *Subdomínio das Artes Visuais *Subdomínio da Música *Subdomínio da Dança * Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita *Domínio da Matemática - Área do Conhecimento do Mundo - Ciências da Natureza <ul style="list-style-type: none"> *Geologia *Biologia *Zoologia *Bromatologia *Física e Química | <p><i>“Vamos ser cientistas!”</i></p> <p>- Áreas de conteúdo:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Conhecimento do Mundo – Ciências da Natureza; * Formação Pessoal e Social. <p>- Fio condutor: *</p> <p>Luz;</p> <ul style="list-style-type: none"> * Sombras. | | <p>Divulgação final Resumo da semana.</p> |
| <p>Atividades em grande grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer teatro; - Explorar luz e sombras; - Realizar experiências; - Partilhar ideias. | <p>Atividades em pequeno grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explorar a caixa de sombras a pares ou grupos de 3. | <p>Atividades individuais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversas informais com a estagiária, no sentido, da descrição da sua aprendizagem, de modo, a valorizar as suas formas de aprender e os seus próprios progressos, com o intuito, de verificar a evolução da criança ao longo do tempo. | <p>Avaliação: o que aprenderam/compreenderam</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelhas de registo (frases, emoções e opiniões, de bemestar); - Registo fotográfico - Registo das descobertas; - Registo do novo vocabulário; - Construção do “Diário Semanal” |

| O que as crianças podem aprender | Estratégias a serem desenvolvidas | Como iniciar: os conhecimentos e as experiências de que se parte | Recursos |
|--|--|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> - Compreender os direitos das crianças e dos animais; - Desenvolver o gosto pela leitura; - Recontar a história; - Nomear as personagens das histórias - Conhecer as direções (para a frente, para trás e para o lado) - Fazer o desenho dos peixes através da observação direta. - Aprender a fazer perguntas sobre os temas lançados; - Desenvolver a oralidade; - Aprender a tratar dos animais de estimação da sala; - Adquirir o sentido de responsabilidade | <ul style="list-style-type: none"> - Começar por lembrar o que tem sido feito nestas 3 semanas de intervenção. - Conversa em grande grupo - Contar a história “<i>Quem come o quê?</i>” - Katerina Gorelik - Apresentar às crianças os novos membros da sala (dois peixes de aquário) - Pesquisar no computador, o que os peixes comem, com que frequência devemos alimentá-los. - Apresentar os direitos dos animais - Dar às crianças uma folha com um aquário para elas desenharem os peixinhos. - Contar a história “<i>Quero um abraço</i>” - Simona Ciraolo. - Apresentar a música da amizade em CD - Na educação-física na parte do relaxamento vou colocar novamente a música da amizade e vou propor às crianças que deitadas no chão façam um desenho conjunto numa cartolina grande, sobre a amizade. - Contar a história de “<i>O Leão que temos cá dentro</i>” – Rachel Bright | <ul style="list-style-type: none"> - Dar continuidade à semana anterior, utilizando as emoções e o robô, integrando na semana dos direitos das crianças. | <ul style="list-style-type: none"> - Humanos: <ul style="list-style-type: none"> *Educadora; *Auxiliar da Ação Educativa; *Crianças; *Estagiárias; - Físicos: <ul style="list-style-type: none"> *Sala; *Recreio; - Materiais: <ul style="list-style-type: none"> *Livros de Histórias; *CD’S; *DOC, Robô *Cartolina. |

- Discutir com as crianças a moral da história, levá-las a pensar, que às vezes sentimo-nos mais pequeninos como os ratos e outras vezes mais corajosos como os leões.

- Dar oportunidade às crianças para montarem puzzle da amizade.

Sexta-feira

- Mostrar o vídeo da Unicef- o que são os direitos das crianças

https://www.youtube.com/watch?v=2txldr_OVcg

- Conversar com as crianças sobre o assunto em forma de comemoração do dia Internacional dos direitos das crianças.

- Apresentar a carta dos direitos das crianças.

- Fazer com as crianças o jogo do Robot, utilizando o DOC para apanhar as imagens dos direitos das crianças e fazer o jogo também com as próprias crianças dando a oportunidade de elas próprias serem o robot.

| | | |
|---|---|---|
| <p>Conexões com outras matérias e saberes</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação Pessoal e Social - Expressão e Comunicação *Domínio da Educação Artística: <ul style="list-style-type: none"> *Subdomínio das Artes Visuais *Subdomínio da Música *Subdomínio da Dança * Domínio da Linguagem Oral | <p style="text-align: center;"><i>“Vamos ser cientistas!”</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Áreas de conteúdo: <ul style="list-style-type: none"> * Conhecimento do Mundo – Ciências da Natureza; * Formação Pessoal e Social; *Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita *Domínio da Matemática | <p style="text-align: center;">Divulgação final Resumo da semana</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> e Abordagem à Escrita *Domínio da Matemática <ul style="list-style-type: none"> - Área do Conhecimento do Mundo <ul style="list-style-type: none"> - Ciências da Natureza <ul style="list-style-type: none"> *Geologia *Biologia <ul style="list-style-type: none"> *Zoologia *Bromatologia *Física e Química | <ul style="list-style-type: none"> - Fio condutor: <ul style="list-style-type: none"> * Cidadania * Direitos dos animais e das crianças | |

| | | | |
|---|--|--|---|
| <p>Atividades em grande grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escutar histórias; -Fazer o puzzle da amizade; - Discussões em grande grupo sobre o tema dos direitos. | <p>Atividades em pequeno grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar o robô, desenvolver matemática. - Ficha para os mais velhos, dedicada às direções. | <p>Atividades individuais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversas informais com a estagiária, no sentido, da descrição da sua aprendizagem, de modo, a valorizar as suas formas de aprender e os seus próprios progressos, com o intuito, de verificar a evolução da criança ao longo do tempo. | <p>Avaliação: o que aprenderam/compreenderam</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grelhas de registo (frases, emoções e opiniões, de bemestar); - Registo fotográfico; - Registo das descobertas; - Registo do novo vocabulário; - Construção do “Resumo Semanal” |
|---|--|--|---|

Anexo VI- Quadro de Identificação da amostra

| Tabela de Identificação das Educadoras | | | | | | | |
|--|---------------------|-------|------------------|--|---|------------------------------------|--|
| Código de Identificação dos Sujeitos | Género dos Sujeitos | Idade | Tempo de Serviço | Lecionou sempre no mesmo estabelecimento | Tipo de Estabelecimento | Anos de Serviço no Estabelecimento | |
| E1 | F | 58 | 34 | Não | Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) | 30 anos | |
| E2 | F | 48 | 24 | Sim | Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) | 24 anos | |
| E3 | F | 60 | 40 | Não | Público | 5 anos | |
| E4 | F | 68 | 42 | Não | Público | 20 anos | |

Anexo VII- Guião de Entrevista das Educadoras

| Bloco temático | Objetivos | Formulário de questões |
|---|--|---|
| Bloco 1 Identificação | <ul style="list-style-type: none"> • Identificar os sujeitos da amostra em estudo; • Caracterizar o percurso profissional dos sujeitos da amostra em estudo. | <ul style="list-style-type: none"> -Qual a sua idade? -Quanto tempo tem de serviço? - Há quanto tempo leciona neste estabelecimento? -Sempre lecionou neste estabelecimento? - Se não, em que ensino lecionou, público ou privado? |
| Bloco 2 Conceção sobre a importância da escuta e diálogo | <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a conceção dos Educadores sobre processos de escuta e de diálogo; • Saber qual a opinião dos educadores sobre a importância de dar voz às crianças para o seu sucesso educativo. | <ul style="list-style-type: none"> -Como caracteriza a importância da escuta no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa? - Qual é, para si, a relevância de dar voz às crianças na operacionalização do processo de aprendizagem? -Como equaciona a “voz da criança” no planeamento da ação educativa? - Como prevê, a importância do diálogo no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa? |
| Bloco 3 Métodos de Planeamento | <ul style="list-style-type: none"> • Saber quais os métodos de planeamento para o processo de escuta e do diálogo • Caracterizar a organização do ambiente educativo; • Caracterizar práticas educativas favorecedoras do processo de escuta e do diálogo | <ul style="list-style-type: none"> - Nas suas planificações onde podemos ver a sua intenção para a promoção da valorização da voz e da escuta e no desenvolvimento da sua prática? -Como atende ou reconhece o que a criança tenta transmitir? Os pensamentos e “sentires”? - Que tipo de estratégias e atividades fazem sentido para dar oportunidade à voz da criança? - Que práticas são facilitadoras para o processo de diálogo com as crianças? |
| Bloco 4 Exemplos de práticas | <ul style="list-style-type: none"> • Descrever questões facilitadoras para a prática • Identificar principais fragilidades • Descrever exemplos práticos | <ul style="list-style-type: none"> -Que situações já vivenciou em que ao dar voz às crianças, teve impacto na aprendizagem? Exemplos -Que obstáculos podem existir no processo de escuta e diálogo? |

| | | |
|--|--|--|
| | | - Exemplo de atividades que promovam o sucesso da aprendizagem |
|--|--|--|

Anexo VIII- Transcrição das Entrevistas

Educadora 1 - (E1)

Identificação:

I. Qual a sua idade?

R: 58 anos

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: tenho 34, quase 35

III. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento?

R: há 30

IV. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não

V. Se não, em que ensino lecionou, público ou privado

R: Lecionei em ATL, no oficial, em vários sítios

Conceção sobre a importância da escuta e diálogo:

I. Como caracteriza a importância da escuta no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa?

R: O processo da escuta é das coisas mais importantes que nós podemos ter e fazer com crianças, é das coisas mais primordiais, é escutar, porque uma criança ouvida é uma criança estimulada e sendo estimulada, damos tudo, não só a nível de aprendizagem como a nível de conhecimento, se nós ouvirmos a criança podemos aprender imensas coisas com ela e descobrir imensas coisas com ela. Muitas vezes é através da escuta que nós sabemos se as crianças são felizes se não são, se têm algum problema, algum medo e também é através da escuta que nós sabemos se as crianças vão aprendendo diariamente. Às vezes é difícil saber escutar, não é só estar com o ouvido à escuta é mesmo escutar interiormente, com olhos, com as emoções, escutar com as palavras, com reações, é o mais importante.

II. Qual é, para si, a relevância de dar voz às crianças na operacionalização do processo de aprendizagem?

R: É o mais importante, as crianças não comunicam só com as palavras, elas comunicam muito, com atitudes, com emoções, com o corpo, especialmente agora nesta fase que eu estou na creche, eu acho que é extremamente importante e é através do que elas nos dizem, comunicando que nós percebemos se elas estão a atingir os objetivos, as competências e sobretudo sabermos se eles são felizes. Temos que incentivá-las para a comunicação.

III. Como equaciona a “voz da criança” no planeamento da ação educativa?

R: Eu não costumo planificar estas coisas, estas coisas acontecem naturalmente no dia-a-dia e eu com a idade que tenho cada vez necessito menos de planificar, ou seja, os meus objetivos estão no dia-a-dia, estão na minha cabeça, nas minhas atitudes, na minha forma de estar com eles. E isto acontece e acontece porque eu estimo, com histórias, conversando, com o abraço, mimando, histórias, canções e sobretudo entregando-me se eu me entregar eu recebo.

IV. Como prevê, a importância do diálogo no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa?

R: Sempre que eu conto uma história promovo. Depois a participação das crianças nessa história, o relato da história, já é feita por eles, embora eu vá ali tentando sempre acrescentar mais qualquer coisa, mas vem deles, depois à imensas atividades que promovem isso, o cantar, o falar, o sentar-me e conversar sobre o que aconteceu ontem lá em casa, sobre o passarinho que nós vimos no recreio, no dia-a-dia da sala, quando vamos fazer uma pintura, um desenho se formos conversando, o ir à casinha das bonecas e sentar-me com eles e vamos conversando, o chazinho que me fizeste, são todas formas de estimular a linguagem e formas de os fazer falar e de nos fazer falar.

Métodos de Planeamento:

I. Nas suas planificações onde podemos ver a sua intenção para a promoção da valorização da voz e da escuta e no desenvolvimento da sua prática?

R: na comunicação oral. Também planifico as histórias, planifico a conversa de grupo, individual, as canções, os poemas, construo muitas vezes com eles uma poesia pequenina, lengalengas, trava línguas, sai diariamente em cada momento.

II. Como atende ou reconhece o que a criança tenta transmitir? Os pensamentos e “sentires”?

R: É através da observação sobretudo, porque nem sempre as crianças nos comunicam as suas ansiedades, os seus medos ou as suas alegrias por palavras, comunicam assim através dos gestos através do olhar, da postura corporal e é isso que eu incentivo muito na sala, que eles se exprimam da maneira que eles sentem melhor. Se eu vejo que uma criança está triste eu não vou lá e pergunto estás triste porque? Sou capaz de chegar ao pé dela e inventar uma pequena história, olha sabes à bocadinha quando vinha para o trabalho encontrei um gato e ele estava triste e eu não consegui perceber porque, achas que me consegues ajudar... e através disto muitas vezes as crianças conseguem nos explicar o que se passa com elas e mostrar-nos as emoções mais escondidas que eles lá têm e muitas vezes basta uma palavra, por exemplo eu dizer lhe que eu estou feliz para a criança explodir de alegria porque se eu estou feliz ela também consegue ficar feliz e estimular a forma de dizer, olha dá-me aquela peça redonda e vermelha, introduzir palavras novas, corrigir pela positiva.

III. Que tipo de estratégias e atividades fazem sentido para dar oportunidade à voz da criança?

R: Conversar, motivá-los à expressão, motivar a conversa entre pares. O Contar histórias, serem eles a contar histórias aos colegas, cantar, eu canto com um a um, trago a criança para a frente e canto com um de cada vez, no fim pelo menos umas frases já aprenderam. Fornecer-lhes materiais livros, experiências novas que os fazem pensar de maneiras diferentes. Depois eles vão verbalizar a surpresa ou algo que aprenderam, por exemplo aquela experiência com gelo, a criança acha aquilo espetacular, então vai verbalizar, “uau”, “está frio”. O reforço da conversa e o estímulo para que se sintam à vontade para falar.

IV. Que práticas são facilitadoras para o processo de diálogo com as crianças?

R: O estimular, o acarinhar, o fornecer material, e criar cumplicidade se nós criarmos cumplicidade com o grupo, mostrar às crianças que estamos lá para elas que os colegas estão lá para elas, que estamos todos uns para outros e se assim for tudo surge naturalmente.

Exemplos de práticas:

I. Que situações já vivenciou em que ao dar voz às crianças, teve impacto na aprendizagem? Exemplos

R: Inventar novas palavras, criar palavras novas, literacia emergente. Há uma coisa que eu faço muito, a história redonda, estimula imenso a linguagem, o pensamento crítico. Fazer poesia, há uma coisa que eu muito de fazer, sair da escola e trazer pequenas coisas, pedrinhas, folhas e depois com as coisas da natureza fazemos pequenas frases, por exemplo: eu encontrei uma flor amarela e a flor amarela era amiga do caracol.

II. Que obstáculos podem existir no processo de escuta e diálogo?

R: Eu acho que as crianças ao terem tanto acesso às novas tecnologias, já retraindo muito, vê através do ecrã, não vê a realidade e depois à uma coisa que me está a deixar apreensiva, a criança primeiro começa a usar expressões brasileiras, depois inglesas e só depois a língua mãe. Isto tudo eu acho que são entraves eles terem acesso a muita informação ao mesmo tempo também os limita. As novas tecnologias e a pressa, a sociedade exige que as crianças aprendam tudo muito depressa e isso é um obstáculo.

III. Exemplo de atividades que promovam o sucesso da aprendizagem

R: Todas as atividades possíveis que promovam esse tipo de sucesso, se queremos ter sucesso educativo se queremos que as nossas crianças sejam felizes e completas temos que juntar tudo, porque está tudo interligado. Todas as atividades visam o desenvolvimento da linguagem e da comunicação, a matemática, o pensamento lógico, tem que se transmitir, portanto tudo visa o desenvolvimento num todo

Educadora 2 - (E2)

Identificação:

I. Qual a sua idade?

R: 48 anos

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: 24 anos de serviço

III. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento?

R: 24 anos

IV. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Sim

Conceção sobre a importância da escuta e diálogo:

I. Como caracteriza a importância da escuta no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa?

R: Acho que todos devemos ser ouvidos, por isso, as crianças também e muitos se não forem ouvidos na escola às vezes em casa os pais não têm tempo e acho que se eles se sentirem ouvidos, quando têm um problema qualquer conseguem falar com o adulto da sala mais à vontade. Se calhar é na escola que as crianças são mais ouvidas e temos que aproveitar esses momentos, até para o desenvolvimento da linguagem deles, a criança ao falar comigo e eu falando com ele acaba por promover a linguagem.

II. Qual é, para si, a relevância de dar voz às crianças na operacionalização do processo de aprendizagem?

R: É muito importante, porque como é que eu sei se eles estão a perceber se eles não me disserem, eu estou a fazer uma pergunta, aquelas crianças mais introvertidas, mais caladas muitas vezes sabem as coisas e não respondem e muitas vezes nós nas avaliações que fazemos acabamos por dizer que ainda está em aquisição quando muitas vezes já está adquirido. Por isso se, sentirem à vontade para falarem é meio caminho andando.

III. Como equaciona a “voz da criança” no planeamento da ação educativa?

R: Quantas vezes é que nós não temos uma planificação feita e há uma criança que leva um livro por exemplo e nós alteramos a planificação que tínhamos para contarmos aquela história, porque a criança tem um livro novo e vem eufórica e quer contar aquela história aos amigos, quando é nos 5 anos eu já os ponho muitas vezes eles a contarem a história aos amigos, depois eu posso contar a seguir mas primeiro eles contam e depois acabamos por mudar o plano que tínhamos anteriormente para adaptar à “euforia” e interesse da criança.

IV. Como prevê, a importância do diálogo no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa?

R: Se eles não falarem nós não temos certeza se eles sabem ou não e depois às vezes surpreendem-nos, porque quando lhes damos um trabalho para eles fazerem, eles fazem tudo. Por isso é muito importante

Métodos de Planeamento:

I. Nas suas planificações onde podemos ver a sua intenção para a promoção da valorização da voz e da escuta e no desenvolvimento da sua prática?

R: Nas histórias, poesias, lengalengas, as crianças recontarem a história.

II. Como atende ou reconhece o que a criança tenta transmitir? Os pensamentos e “sentires”?

R: Quando eles estão na casinha das bonecas, aí é um momento excelente para... parece que às vezes não se passa nada na casinha das bonecas e tanta coisa se passa lá

III. Que tipo de estratégias e atividades fazem sentido para dar oportunidade à voz da criança?

R: Eu tinha uma criança num grupo que eu achava que ela não falava, quando saía da sala, nos corredores da escola ela contava à mãe tudo desde que chegava de manhã até que saía à tarde e um dia eu apanhei-o a falar com a mãe. Se eu começasse à segunda-feira a perguntar como é que correu o fim de semana, se eu começasse logo por ele, ele não me respondia, se começasse noutros e o apanhasse no encadeamento ele aí dizia qualquer coisinha, temos que estar atentas a estes pormenores da personalidade deles. Temos que ir estando atentas o que funciona com um pode não funcionar com outro.

IV. Que práticas são facilitadoras para o processo de diálogo com as crianças?

R: Conversas, canções, histórias, casinha das bonecas em que eles interagem uns com os outros de um modo geral eles acabam por ter conversas com os pares na sala, mas as que são mais ficadas nisso são estas. Transmissão de recados, olha vai lá à secretaria buscar fotocópias, vai à sala da Educadora X dar este recado, que é para eles identificarem os sítios na escola.

Exemplos de práticas:

I. Que situações já vivenciou em que ao dar voz às crianças, teve impacto na aprendizagem?
Exemplos

R: Crianças mais introvertidas temos que ter sempre uma atenção especial, porque às vezes parecem que ainda não adquiriram aquelas competências, mas já adquiriram, têm vergonha, têm medo de errar. Temos que transmitir às crianças segurança para eles se sentirem mais à vontade para fazerem e perceberem que todos erramos e que não há problema.

II. Que obstáculos podem existir no processo de escuta e diálogo?

R: Se eu fosse uma educadora, carrancuda e não brincasse com eles, se eu estivesse sempre a ralar e eles viessem falar comigo e eu dissesse agora não posso, acho que esse seria um obstáculo e eles iam ver isso como a minha maneira de ser e não se chegavam mais.

III.. Exemplo de atividades que promovam o sucesso da aprendizagem

R: Contamos uma história e pedimos para eles recontarem, fazemos perguntas à cerca da história, quando fazem o desenho da história tu vê se eles perceberam ou não. Eu acho que as histórias são uma coisa boa para trabalhar tudo, matemática, conhecimento do mundo, linguagem tudo, eu baseio-me muito nas histórias para trabalhar tudo com eles.

Educadora 3 - (E3)

Identificação:

I. Qual a sua idade?

R: 60 anos

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: 40 anos

III. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento?

R: 5 anos

IV. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não

V. Se não, em que ensino lecionou, público ou privado

Sempre lecionei no público.

Conceção sobre a importância da escuta e diálogo:

I. Como caracteriza a importância da escuta no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa?

R: Escutar, que é um conceito muito interessante porque é um bocadinho diferente de só ouvir, escutar é também compreender, tentar, pormo-nos no lugar do outro e eu acho que isso é fundamental é mesmo a essência da relação e do ato educativo e por isso acho que deve ser a principal preocupação do educador, não é que seja sempre fácil implementar, mas temos também que nos autoavaliar continuamente e perceber se estamos nessa perspectiva de nos pormos também do lado do outro para compreender.

II. Qual é, para si, a relevância de dar voz às crianças na operacionalização do processo de aprendizagem?

R: Acho que é muito importante dar voz às crianças, perceber o que eles já sabem, eles têm as suas concepções mesmo que às vezes sejam mágicas e fantásticas sobre a vida e eu acho que é importante a partir dessas concepções daquilo que já são os seus saberes, depois abrir horizontes, lançar outras perspectivas, portanto acho que é um ponto fundamental, saber o que eles sabem sobre o mundo e sobre eles próprios e sobre os outros.

III. Como equaciona a “voz da criança” no planeamento da ação educativa?

R: É assim eu tento compreender aquilo que são os interesses das crianças e como é que eu compreendo, a partir daquilo que eu oiço, aquilo que eu sinto que eles podem gostar mais ou menos e isso surge da interação normal do dia-a-dia e portanto tento que as planificações de alguma forma respondam a isso e depois também tento introduzir coisas novas, que possam também desafia-los para outras perspectivas, para outras coisas que eles se calhar ainda não teriam equacionado mas possam passar a equacionar, portanto é um misto entre aquilo que eles me dizem e aquilo que eu também porque já sou mais velha acho que é importante que eles também passem a pensar e a terem no seu universo de pensamento.

IV. Como prevê, a importância do diálogo no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa?

R: É fundamental saber o que eles pensam, o que eles dizem, até ouvir as propostas deles, que são sempre coisas interessantes e que também nos desafiam e nós e tentar que eles consigam compreender o processo que estão a viver, no fundo aquela parte que nós fazemos com eles de avaliação, para perceber se eles estão a apropriar-se daquele processo, essa parte de diálogo é fundamental, é uma constante e deve ser uma presença continua.

Métodos de Planeamento:

I. Nas suas planificações onde podemos ver a sua intenção para a promoção da valorização da voz e da escuta e no desenvolvimento da sua prática?

R: Por exemplo há uma questão que eu planifico e está muito interiorizada na minha forma de trabalhar que é a rotina educativa, como é que corre o dia, isso permite às crianças apropriarem-se da gestão do tempo e da gestão dos materiais e das atividades, a minha ideia é sempre, haver um momento inicial de principio do dia, de encontro, dinamização e às vezes a partir daí lançar o dia e aí o dialogo tem que estar presente porque no fundo é ali que se planifica com eles o que vai ser o dia, depois eles têm oportunidade de escolher as atividades em função da organização do espaço e dos materiais e aí também a opinião deles é tida em conta, durante esse tempo de atividades de livre escolha, há toda uma margem de manobra para eles poderem exercer a sua participação , através da linguagem e das opiniões , também existe um tempo que eu gosto que é o tempo de ler e de conversar sobre o que lemos e às vezes daí também parte-se para muitas outras coisas e ao tempo no final do dia que serve para avaliar o que fizemos, para onde é que caminhos, o que ficou por fazer, onde também o diálogo está presente, portanto diariamente há essa rotina em que há sempre um confronto pelo diálogo entre todos.

II. Como atende ou reconhece o que a criança tenta transmitir? Os pensamentos e “sentires”?

R: Através das conversas, das produções deles, dos trabalhos que fazem, de coisas que estão expostas na sala, uso muito fotografias, também dá para recordar momentos, atitudes que tivemos e é mantendo uma memória do que vai acontecendo entre todos, que nos traz conhecimento.

III. Que tipo de estratégias e atividades fazem sentido para dar oportunidade à voz da criança?

R: Todas as atividades fazem sentido, os portefólios, a documentação pedagógica é muito importante nesse aspeto, porque a tentativa de registar as cosas que eles fazem, de registar as opiniões que eles têm sobre as coisas, muitas vezes trazem novidades de casa que também é importante ter em conta , outas vezes encontram coisas no jardim e registamos isso, porque vai valorizar aquilo que eles descobrem e no fundo a documentação pedagógica ajuda a manter esse fio condutor e a memória coletiva e que no fundo lhes permite dar voz e permite-me a mim ir ao encontro daquilo que eles gostam.

IV. Que práticas são facilitadoras para o processo de diálogo com as crianças?

R: As práticas de criar momentos de diálogo individual ou em conjunto, as práticas de registar de documentar e desenvolver projetos à volta das coisas e depois tudo o que tem a haver com a organização do ambiente educativo, todo esse conjunto de forma de estar depois cria essa dinâmica.

Exemplos de práticas:

I. Que situações já vivenciou em que ao dar voz às crianças, teve impacto na aprendizagem?

Exemplos

R: Por exemplo costumamos criar uma história circular que começa no jardim de infância e termina no 1º ciclo, e eu estava a pensar como é que poderíamos começar e estava com um pequeno grupo, que por acaso eram os meninos mais velhos e disse assim: temos que fazer uma história para os outros meninos continuarem, o que e que podemos fazer... e ele disse que podíamos fazer a partir do ET, porque ele tinha estado em casa a ver o filme do ET e pronto foi a partir dessa ideia a que começamos a construir, mas foi muito a partir daquilo que foi a experiência dele e de ver o ET e de estar tão entusiasmado e foi uma história porque envolve a linguagem e a estrutura de uma narrativa.

Outras vezes eles estão no recreio e acontece muitas vezes e encontram caracóis e a partir daí falamos sobre o que podemos fazer, o que pesquisar e podemos ir fazer matemática com os caracóis, e cantar a canção do caracol e no fundo as coisas surgem também a partir do que é a ação deles.

II. Que obstáculos podem existir no processo de escuta e diálogo?

R: Eu acho que às vezes os grupos são muito grandes e depois nem sempre dá para ouvir tanto cada criança e depois há sempre uns que se evidenciam, que são mais expressivos e depois há outros que são mais calados e nós não conseguimos nunca chegar tanto aquilo que eles estão a pensar e, portanto, essa dimensão do grupo nem sempre facilita.

Depois também as condições de espaço nem sempre são as melhores e tem que se ir encontrando estratégias.

III. Exemplo de atividades que promovam o sucesso da aprendizagem

R: Todas promovem, mas gosto muito de atividades a partir dos livros, acho que a literatura para a infância pode ser um ponto de partida para atividades artísticas, nas várias artes, dança, escultura, dramatização e depois também dá imenso para a parte linguística e matemática. Também gosto muito de atividades a partir da natureza, tudo o que vem a partir do meio ambiente.

Educadora 4 - (E4)

Identificação:

I. Qual a sua idade?

R: 68 anos

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: Reformei-me com 42 anos de serviço

III. Há quanto tempo leciona neste estabelecimento?

R: Os meus últimos 20 anos foram na Póvoa de Santarém, até me reformar

IV. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não, andei um pouco por todo o país.

V. Se não, em que ensino lecionou, público ou privado

R: Comecei por fundar uma IPSS com umas colegas e depois abri vários jardins de infância.

Conceção sobre a importância da escuta e diálogo:

I. Como caracteriza a importância da escuta no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa?

R: Não havendo escuta não há resposta por parte da criança, esta só responde quando sente que tem um diálogo que é bilateral, em que é alimentado e, portanto, não havendo uma escuta por parte do adulto, seja ele qual for, educador de infância, família, seja quem for, a criança recusa-se a falar, não tem necessidade de falar, porque não tem interlocutor e as crianças para falarem sozinhas têm os seus bonecos, os seus brinquedos preferidos com quem dialogam preferencialmente.

Para o estímulo da linguagem, do desenvolvimento do raciocínio, da equação da resposta pergunta e diálogo é necessário a escuta, quer por parte do adulto que estimula a escuta por parte da criança, porque sem isto não há crescimento nem desenvolvimento.

II. Qual é, para si, a relevância de dar voz às crianças na operacionalização do processo de aprendizagem?

R: O processo de aprendizagem não é uma coisa abstrata, faz-se através dos modelos, a criança aprende com os modelos que tem, se a comunicação e o despertar o interesse da criança para responder a determinados estímulos não existir, não estamos a contribuir para o seu desenvolvimento. Quando a resposta não é óbvia compete ao educador caminhar com a criança e o grupo no sentido de encontrar pela experiência de projeto as repostas para as questões que vamos encontrar. Sem perguntas, não encontramos respostas, se não ensinarmos às crianças a fazerem perguntas, elas não podem optar. Por à disponibilização das crianças situações de escolha possíveis de realizar.

III. Como equaciona a “voz da criança” no planeamento da ação educativa?

R: A voz da criança é tão fundamental que eu só fazia a organização do espaço já com as crianças dentro do jardim, nunca me prepôs a organizar um espaço sem saber para quem nem como.

A própria organização do espaço tem que ser em função da escolha também prioritária das opções de cada criança, conjugando-as no grupo na sua diferenciação e, portanto, as primeiras largas semanas de adaptação de cada novo ano letivo, era feita, primeiro na disponibilidade da brincadeira e a pouco e pouco ir equacionando os diferentes equipamentos disponíveis no jardim para os dispor em função do grupo em presença e com a opinião deles. Tudo isto demonstra desde o início que a opinião deles é importante desde a organização do espaço, aos projetos a serem desenvolvidos.

Também trabalhei muito com monotorização, os mais velhos eram monitores sempre dos mais novos, nas situações de entre ajuda, de fazerem emergir conhecimentos que tinham

aprendido em anos anteriores, para os transmitirem e ajudarem os mais pequenos, que pelo exemplo dos pares chegam lá mais facilmente. Ora isto não se faz sem diálogo.

O diálogo é o privilégio de cada um dos dias da educação pré-escolar, começávamos em diálogo, avaliávamos em diálogo e fechávamos o dia com perspetivas para o dia seguinte.

IV. Como prevê, a importância do diálogo no processo de aprendizagem e/ou na relação educativa?

R: Se a criança não manifestar o desinteresse ou o interesse por aquilo que está a acontecer, não falar sobre eu nunca vou conseguir perceber o estado em que ela se encontra de curiosidade ou de desinteresse, porque já adquiriu competências suficientes em determinadas áreas e aquilo para ela já está a tornar-se desinteressante e, portanto, é ouvindo-a e fazendo com que fale.

Métodos de Planeamento:

I. Nas suas planificações onde podemos ver a sua intenção para a promoção da valorização da voz e da escuta e no desenvolvimento da sua prática?

R: As minhas planificações tinham a intencionalidade de cada dia haver um tema e em cada tema, haver o diálogo, obrigatoriamente uma história por dia e obrigatoriamente uma canção por dia. Obrigatoriamente nas minhas planificações uma história por dia diferente, durante todo o ano escolar, isto é desenvolvimento da linguagem, porque tu lês, tu interpretas e pedes o feedback de cada um deles em grupo, em que se entrem ajudam nomeadamente na memória e na oralidade, na questão da linguagem e das expressões emotivas também.

II. Como atende ou reconhece o que a criança tenta transmitir? Os pensamentos e “sentires”?

R: A sua própria inquietação, às vezes na procura de um brinquedo não verbalizando, chama de imediato à atenção da educadora, de uma criança que não se fixa, pega num livro, dois segundos depois voltam a pousá-lo, há uma instabilidade na criança que a denuncia do seu não estar bem, então aí é de facto a educadora que tem que perceber, até onde a criança consegue verbalizar o seu mal-estar, a sua inquietação nem sempre é verbalizada, porque ela própria está perdida.

Tem que se perceber, falando com o pai ou com a mãe ou tentar perceber se o problema é dentro do jardim.

III. Que tipo de estratégias e atividades fazem sentido para dar oportunidade à voz da criança?

R: Quando estamos no grande grupo é sempre fundamental começar por alguém que não é o mais tímido, para estimular os outros. É uma maneira de dar voz às crianças.

IV: Que práticas são facilitadoras para o processo de diálogo com as crianças?

R: É o jogo, quer simbólico, quer jogado para fomentar a conversa com as crianças, “queres ir tu agora? não queres?”, há todo um diálogo que proporciona, o dizer sim o dizer não, sou eu, eu vou ganhar. Tudo o que seja em jogo é tido como uma coisa menos séria, em que a criança não sente posta em causa. A casinha das bonecas é excelente, a garagem. Tudo isto excelente para promover a participação sem juízo de valor da questão da linguagem.

Exemplos de práticas:

I. Que situações já vivenciou em que ao dar voz às crianças, teve impacto na aprendizagem?

Exemplos

R: Através dos níveis etários, o Manel pode transmitir um conhecimento que o deixe confortável aos colegas, por exemplo sabe fazer pão, porque aprendeu com a avó. Outra criança pode transmitir uma aprendizagem quando foi com o cão ao veterinário, por exemplo.

Há tanta coisa que lhes trazem do seu conhecimento, que, expostas aos colegas, produzem conhecimento.

II. Que obstáculos podem existir no processo de escuta e diálogo?

R: Muitas vezes são hábitos que a criança cria, na família e na comunidade. Televisões demasiado altas, em que as crianças cada vez falam mais alto, porque o som da retaguarda que têm, tem que ser superado pela sua voz, encontramos cada vez crianças mais gritantes e isto pode ser um obstáculo, porque criança que grita tem muitas vezes força de garganta, mas pouco palato e as frases e as palavras ficam malditas. Outro obstáculo são grupos demasiado grandes, com demasiada distorção de idades em que os pequenos mais tímidos do projetar da voz e os mais velhos tentem sobrepor-se, aí tem de haver por parte do educador.

III. Exemplo de atividades que promovam o sucesso da aprendizagem

R: O feedback permanente entre a criança e o adulto é que dá, o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra. O facto de ela em casa contar em pormenor o que aconteceu na escola revela o que aprendeu, o sucesso da aprendiz

| Bloco temático | Categoria | Subcategoria | Exemplos de unidade de registo | Número de U.R | Número de sujeitos |
|---|--|------------------------------------|---|---------------|--------------------|
| Bloco 2 Conceção de escuta e diálogo em contexto de sala | Escuta e diálogo como processo facilitador | Aprendizagem | E1: “é através da escuta que nós sabemos se as crianças vão apreendendo diariamente.” E1: “Se nós ouvirmos a crianças, podemos apreender imensas coisas com ela.” E1: “é através do que elas nos dizem, comunicando que nós percebemos se elas estão a atingir os objetivos, as competências.” E4: “é necessário a escuta..., sem isto não há crescimento nem desenvolvimento.” E4: "O facto de ela em casa contar em pormenor o que aconteceu na escola revela o que aprendeu, o sucesso da aprendizagem." | 5 | 2 |
| | | Relação entre a escuta e o diálogo | E3. “ escutar é compreender, tentar pormo-nos no lugar do outro e eu acho que isso é fundamental, é mesmo a essência da relação e do ato educativo...” E4: “não havendo escuta, não há resposta por parte da criança, esta só responde quando sente que tem um diálogo que é bilateral.” E4: “...não havendo uma escuta por parte do adulto, seja ele qual for, educadora de infância, família, seja quem for, a criança recusa-se a falar.” E4:” sem perguntas, não encontramos respostas, se não ensinarmos às crianças a fazerem perguntas, elas não podem optar. “ | 4 | 2 |
| | | Desenvolvimento global da criança | E2: “é na escola que as crianças são mais ouvidas e temos que aproveitar esses momentos, até para o desenvolvimento da linguagem...” E4: “para o estímulo da linguagem, do desenvolvimento do raciocínio, da equação da resposta pergunta e diálogo, é necessário a escuta, quer por parte do adulto que estimula a escuta por parte da criança porque sem isto não há crescimento nem desenvolvimento. E4:” Se a comunicação e o despertar o interesse da criança para responder a determinados estímulos não existir, não estamos a contribuir para o seu desenvolvimento.” | 3 | 2 |
| | | Conhecer a criança | E1:” ... se têm algum problema, algum medo...” | 5 | 4 |

| | | | | | |
|--|------------------------|---|---|---|---|
| | | | <p>E1: “é através da observação sobretudo, porque nem sempre as crianças nos comunicam as suas ansiedades, os seus medos, ou as suas alegrias por palavras...”</p> <p>E2: “aquelas crianças mais introvertidas, mais caladas muitas vezes sabem as coisas e não respondem e muitas vezes nós nas avaliações que fazemos acabamos por dizer que ainda está em aquisição quando muitas vezes já está adquirido.”</p> <p>E3:”...é importante partir dessas conceções, daquilo que já são os seus saberes, depois abrir horizontes, lançar outras perspetivas...”</p> <p>E3: “é um conceito muito interessante...escutar é também compreender...”</p> <p>E4:“Se a criança não manifestar o desinteresse ou o interesse por aquilo que está a acontecer, não falar sobre eu nunca vou conseguir perceber o estado em que ela se encontra de curiosidade ou de desinteresse...”</p> | | |
| | | Expressão de emoções | <p>E1: “é através da escuta que nós sabemos se as crianças são felizes</p> <p>E1: “...comunicam assim através dos gestos, através do olhar, através da postura corporal e é isso que eu incentivo muito na sala, que eles se exprimam da maneira que eles se sintam melhor.”</p> <p>E3: “é mesmo a essência da relação e do ato educativo e por isso acho que deve ser a principal preocupação do educador.”</p> | 3 | 2 |
| | Importância do diálogo | Identificação das dificuldades das crianças | <p>E2: “é muito importante, porque como é que eu sei se elas estão a perceber se não me disserem...”</p> <p>E2: "se eles não falarem nós não temos certeza se eles sabem ou não e depois às vezes surpreendem-nos"</p> <p>E3: “Acho que é muito importante dar voz às crianças, perceber o que elas já sabem...”</p> | 3 | 2 |
| | | Desenvolvimento de competências comunicacionais | <p>E1: “as crianças não comunicam só com as palavras, elas comunicam muito, com atitudes, emoções e com o corpo.”</p> <p>E3: “lançar outras perspetivas ...saber o que elas sabem sobre o mundo, sobre eles próprios e os outros.”</p> <p>E4: "O diálogo é o privilégio de cada um dos dias da educação pré-escolar..."</p> | 5 | 3 |

| | | | | | |
|-----------------------------------|---------|--------------|---|---|---|
| | | | <p>E4: “se a comunicação e o despertar o interesse da criança para responder a determinados estímulos não existir, não estamos a contribuir para o seu desenvolvimento.”</p> <p>E4: “O feedback permanente entre a criança e o adulto é que dá, o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra.”</p> | | |
| Bloco 3 Métodos de planeamento | Diálogo | Participação | <p>E1: “sempre que eu conto uma história, promovo o diálogo”.</p> <p>E1: “O reconto da história, já é feita por eles”.</p> <p>E3: “no fundo aquela parte de autoavaliação que nós fazemos com eles, para sabermos se eles estão a apropriar-se daquele processo, essa parte do dialogo é fundamental, é uma constante que deve ser uma presença continua”</p> | 3 | 2 |
| | | Planeamento | <p>E1: “os meus objetivos estão no dia-a-dia, na minha cabeça, nas minhas atitudes e isto acontece, porque eu estimulo, com histórias, conversando...”</p> <p>E1:” planifico as histórias, planifico a conversa de grupo, individual, as canções, os poemas, contruo muitas vezes com eles uma poesia pequenina, lengas-lengas, trava-línguas...”</p> <p>E2: "para adaptar à “euforia” e interesse da criança.”</p> <p>E3: "surge da interação normal do dia-a-dia...”</p> <p>E3: “tento introduzir coisas novas, que possam também desafiá-los para outras perspetivas.”</p> <p>E3: "saber o que eles pensam, o que eles dizem, até ouvir as propostas deles...”</p> <p>E4: “A opinião deles é importante, desde a organização do espaço, aos projetos a serem desenvolvido.”</p> <p>E4: “As minhas planificações tinham a intencionalidade de cada dia haver um tema e em cada tema, haver o diálogo, obrigatoriamente uma história por dia e obrigatoriamente uma canção por dia.”</p> | 8 | 4 |

| | | | | | |
|--|--|--|--|---|---|
| | | Valorização do diálogo na ação educativa | <p>E1:” são todas as formas de estimular a linguagem e formas de os fazer falar e de nos fazer falar.”</p> <p>E4: “o diálogo é o privilégio de cada um dos dias da educação pré-escolar, começamos em diálogo, avaliamos em diálogo e fechamos o dia com perspetivas para o dia seguinte.”</p> <p>E4: “e portanto, é ouvindo-as e fazendo com que falem.”</p> | 3 | 2 |
| | | Estratégias para promover o dialogo e a escuta | <p>E1: "conversar, motivá-los à expressão, motivar a conversa entre pares."</p> <p>E1: "O reforço da conversa e o estímulo para que se sintam à vontade para falar."</p> <p>E1: “o estimular, o acarinhar, o fornecer material e criar cumplicidade...”</p> <p>E2: “conversas, canções, histórias, casinha das bonecas em que eles acabam por interagir uns com os outros e ter conversas com os pares.”</p> <p>E2: "Temos que ir estando atentas o que funciona com um pode não funcionar com outro. "</p> <p>E2:"Temos que transmitir às crianças segurança para eles se sentirem mais à vontade para fazerem e perceberem que todos erramos e que não há problema."</p> <p>E3: “eles têm oportunidade de escolher as atividades em função da organização do espaço e dos materiais aí a opinião deles é tida em conta...”</p> <p>E3: “criar momentos de dialogo individual ou em conjunto, registar, documentar e desenvolver projetos á volta das coisas.”</p> <p>E3: “tudo o que tem a haver com a organização do ambiente educativo”.</p> <p>E3:"As práticas de criar momentos de diálogo individual ou em conjunto, as práticas de registar de documentar e desenvolver projetos..."</p> <p>E3: “Temos também de nos autoavaliar continuamente e perceber se estamos, nesta perspetiva de nos pormos também no lado do outro para compreender.”</p> <p>E3: “há toda uma margem de manobra para eles poderem exercer a sua participação, através da linguagem e das opiniões”.</p> | 5 | 3 |

| | | | | | |
|---------------------------------|--|-----------------------------------|---|----|---|
| | | | <p>E4: “Quando estamos no grande grupo é sempre fundamental começar por alguém que não é o mais tímido, para estimular os outros.”</p> <p>E4: "Tem que se perceber, falando com o pai ou com a mãe ou tentar perceber se o problema é dentro do jardim."</p> | | |
| | | Motivar para a comunicação oral | <p>E1: "o estimular, o acarinhar, o fornecer material, e criar cumplicidade se nós criarmos cumplicidade com o grupo..."</p> <p>E3: “através de conversas, das produções deles, dos trabalhos que fazem, de coisas que estão expostas na sala”</p> <p>E4: “a sua própria inquietação, às vezes na procura de um brinquedo, não verbalizando chama de imediato a atenção do educador”</p> | 4 | 3 |
| Bolco 4 Exemplos de práticas | Exemplos práticos de momentos de promoção da escuta e do diálogo | Promove o sucesso da aprendizagem | <p>E1: “inventar novas palavras, literacia emergente”</p> <p>E1: “...a história redonda, estimula imenso a linguagem e o pensamento crítico.”</p> <p>E1: "Fazer poesia"</p> <p>E1: Todas as atividades visam o desenvolvimento da linguagem e da comunicação, a matemática, o pensamento lógico..."</p> <p>E2: "nas histórias, poesias, lengalengas, as crianças recontarem a história."</p> <p>E2: "Conversas, canções, histórias, casinha das bonecas em que eles interagem uns com os outros..."</p> <p>E2: "Transmissão de recados..."</p> <p>E2: "Contamos uma história e pedimos para eles recontarem, fazemos perguntas à cerca da história..."</p> <p>E2: "quando fazem o desenho da história tu vês se eles perceberam ou não."</p> <p>E3: "há uma questão que eu planifico e está muito interiorizada na minha forma de trabalhar que é a rotina educativa..."</p> <p>E3: "Através das conversas, das produções deles, dos trabalhos que fazem, de coisas que estão expostas na sala..."</p> <p>E3: "a partir dos livros..."</p> <p>E3: "atividades a partir da natureza..."</p> <p>E3: “costumamos criar uma história circular, porque envolve a linguagem.”</p> <p>E3: "Todas as atividades fazem sentido, os portefólios, a documentação pedagógica ..."</p> | 14 | 4 |

| | | | | | |
|---|--|------------------------|--|---|---|
| | | | <p>E3: "no recreio e acontece muitas vezes e encontram caracóis e a partir daí falamos sobre o que podemos fazer, o que pesquisar e podemos ir fazer matemática com os caracóis, e cantar a canção do caracol..."</p> <p>E4: "é o jogo, quer simbólico, quer jogado, para fomentar a conversa com as crianças... é excelente para promover a participação sem juízo de valor na questão da linguagem."</p> | | |
| Dificuldades no processo de escuta e no diálogo | | Mudanças na sociedade | <p>E1: "o acesso às novas tecnologias, a sociedade exige que as crianças aprendam muito depressa e isso é um obstáculo."</p> <p>E4: "muitas vezes, hábitos que as crianças criam na família e na comunidade, televisões muito altas, as crianças cada vez falam mais alto, isso pode ser um obstáculo."</p> | 2 | 2 |
| | | Perfil do profissional | <p>E1:" ...é difícil saber escutar, não é só estar com o ouvido à escuta, é mesmo escutar interiormente, com os olhos, com as emoções, escutar com as palavras, com a «s reações, é o mais importante."</p> <p>E2: "se eu fosse uma educadora carrancuda e estivesse sempre a ralhar e eles viessem falar comigo e eu dissesse, agora não posso, acho que isso seria um obstáculo."</p> | 2 | 2 |
| | | Dimensão do grupo | <p>E3: "a dimensão do grupo nem sempre facilita."</p> <p>E3:"às vezes os grupos são muito grandes ..."</p> | 2 | 2 |
| | | Condições do espaço | <p>E3: "as condições de espaço nem sempre são as melhores e tem que se ir encontrando estratégias. "</p> | 1 | 1 |

| Bloco temático | Categoria | Subcategoria | Número de U.R | Número de sujeitos |
|--|--|---|---------------|--------------------|
| Bloco 2 Conceção de escuta e diálogo em contexto de sala | Escuta e diálogo como processo facilitador | Aprendizagem | 5 | 2 |
| | | Relação entre a escuta e o diálogo | 4 | 2 |
| | | Desenvolvimento global da criança | 3 | 2 |
| | | Conhecer a criança | 5 | 4 |
| | | Expressão de emoções | 3 | 2 |
| | Importância do diálogo | Identificação das dificuldades das crianças | 3 | 2 |
| | | Desenvolvimento de competências comunicacionais | 5 | 3 |
| | Bloco 3 Métodos de planeamento | Diálogo | Participação | 3 |
| Planeamento | | | 8 | 4 |
| Valorização do diálogo na ação educativa | | | 3 | 2 |
| Estratégias para promover o dialogo e a escuta | | | 5 | 3 |
| Motivar para a comunicação oral | | | 4 | 3 |
| Bolco 4 | Exemplos práticos de momentos de | Promove o sucesso da aprendizagem | 14 | 4 |

| | | | | |
|-----------------------------|---|------------------------|---|---|
| Exemplos de práticas | promoção da escuta e do diálogo | | | |
| | Dificuldades no processo de escuta e no diálogo | Mudanças na sociedade | 2 | 2 |
| | | Perfil do profissional | 2 | 2 |
| | | Dimensão do grupo | 2 | 2 |
| | | Condições do espaço | 1 | 1 |